

82.091(817.2)

C 3972

GOVERNO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIENCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

GILMARA MATOS CENTENO

**Espelho, espelho meu, tenho cabelo ruim? Análise da
representação do negro na Literatura Infantil em Mato Grosso.**

Pontes e Lacerda – MT

2015/2

GILMARA MATOS CENTENO

**Espelho, espelho meu, tenho cabelo ruim? Análise da
representação do negro na Literatura Infantil em Mato Grosso.**

Trabalho de conclusão de curso como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Letras, no Campus Universitário de
Pontes e Lacerda-UNEMAT.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Marinei Almeida

Co-orientador: Prof. Dr. Epaminondas de Matos
Magalhães.

UNEMAT	
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA - MT	
BIBLIOTECA REGIONAL	
TOMBO Nº	00115993
DATA	29 / 04 / 16
CONTROLE:	92620870
☐ COMPRA ☒ DOAÇÃO ☐ PERMUTA	

Pontes e Lacerda – MT

2015/2

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Marinei Almeida (Orientador)

Prof. Dr. Epaminondas Matos Magalhães (Examinador)

Prof. Dr. Manuela Arruda dos Santos Nunes Silva (Examinadora)

Dedico este trabalho a minha família que mesmo distante sempre foi meu maior motivo para lutar por meus objetivos, aos meus pais Mirian Gomes de matos, Gilberto Guimarães Centeno, e aos meus irmãos Gilberto Guimarães Centeno Junior, Vitor matos Centeno e Juliana Matos Centeno por sempre estarem me apoiando.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar forças e discernimento para desenvolver as atividades acadêmicas, por nunca me desamparar e sempre me manter firme, a Universidade e todo o corpo docente pela dedicação e oportunidade.

A minha família que me fortalece a cada dia, em especial aos meus irmãos por me aguentar nos dias em que tudo parecia dar errado, obrigada Vitor pela palavra amiga e por me mostrar no exemplo que determinação é algo que devemos carregar sempre conosco. Obrigada Beto pela confiança e pelo carinho sempre estando ao meu lado ajudando, apoiando meu porto seguro, a minha querida Juju carinhosa e nervosa sempre prestativa. A Rainha Mirian, mãe não tenho palavras para agradecer tudo o que fez por mim, ao meu pai que me ensinou na infância que estudar era fundamental. Amo vocês incondicionalmente.

Aos meus amigos que sempre me deram forças e se disponibilizaram a me ajudar, em especial Adriana Gonçalves amiga que sempre esteve comigo participando de todas as minhas conquistas, Gleiciane Machado Bispo (Gata) amiga companheira, irmã sempre ao meu lado me fortalecendo, muito dedicada e de um coração imenso, a Erika Eduardo, Rafael Brustolon e Sidiney Coelho responsáveis por meus momentos mais divertidos na universidade de valor inestimável, amigos do coração.

Agradeço imensamente ao Marcus Diego por sua amizade e companheirismo nunca medindo esforços para nos ajudar. A todos amigos que tive a oportunidade de estudar Henrique Aiala, Iranildes, Keity, Beatriz, Thais Oliveira, Rosiliana, Rosimeire entre outros,

A Marinei de Almeida minha orientadora que confiou em mim e me deu a oportunidade de realizar essa pesquisa, sinto-me honrada em ser sua orientanda. Aprecio demasiadamente seu trabalho obrigada!

Epaminondas Matos Magalhães meu co-orientador agradeço imensamente pela sua dedicação pelo incentivo obrigada por estar comigo nesse momento, você foi peça fundamental para a conclusão desse trabalho, agradeço o apoio e suas orientações.

Manuela Arruda dos Santos Nunes da Silva grande professora te admiro muito, obrigada por fazer parte da minha banca, obrigada por seu incentivo você foi a pessoa que me impulsionou a escrever com carinho e dedicação sobre as relações raciais, sem as conversas que tivemos e os materiais que

me apresentou quando era minha professora seria impossível fazer esse trabalho, obrigada por embarcar comigo nessa luta aprendi muito com você,.

Por fim quero agradecer a todos que diretamente ou indiretamente fez parte da minha vida acadêmica. Muito Obrigada!

"A única arma para melhorar o planeta é a Educação com ética. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar." (Nelson Mandela)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir questões raciais, em específico a representação do negro na literatura infantil Mato-Grossense, tendo como recorte os aspectos identitários dos negros, tomando como foco o cabelo crespo, considerado ícone da representação negra, assim como a cor da pele, características negras que são menosprezadas, a partir da construção ideológica do negro ser visto como um ser inferior e com isso seus fenótipos. A obra, corpus de nossa discussão, é *Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar* (2007) da autora mato-grossense Neuza Baptista Pinto, que enfatiza uma aproximação de uma nova formulação de conceito de estética, tentando desmistificar os estereótipos imputados pela sociedade em que associam o negro e suas características como ruim.

Palavras chave: Relações Raciais, Fenótipos, Cabelo, Literatura.

Abstract

This paper aims to raise racial issues in specific representation of black people in Mato Grosso children's literature, with the cut out the identity aspects of black, taking as focus curly hair, considered icon of black representation, as well as color skin, dark features that are despised, from the ideological construction of the black be seen as an inferior being and with it their phenotypes. The work corpus of our discussion is *Bad Hair?* The story of three girls learning to accept (2007) of Mato Grosso author Neuza Baptista Pinto, which emphasizes an approach of a new aesthetic concept formulation, trying to demystify the stereotypes alleged by the society in which associate the black and its characteristics as bad pejorative definitions, having as basis a historical discourse that seeks to characterize and justify the black culture as inferior it facing the historic speech of black culture as inferior.

Keywords: Race Relations, phenotypes, Hair, Literature.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	10
LISTA DE IMAGENS	11
INTRODUÇÃO	12
1 – LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS: ENTRE PANORAMAS E MIRAGENS	14
2. LITERATURA INFANTIL EM MATO GROSSO	27
2.1.LITERATURA NEGRA: POR CAMINHOS POUÇOS- NAVEGADOS	31
3.ESPELHO, ESPELHO MEU, TENHO CABELO RUIM? A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA CABELO RUIM	36
3.1 MUITO MAIS DO QUE CABELO, O VALOR DA AMIZADE	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	59

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: CAPA DO LIVRO CABELO RUIM?	36
Figura 2: AS TRÊS MENINAS.....	37
Figura 3: A LÁGRIMA	39
Figura 4: AS MENINAS CARECAS.....	43
Figura 5:ASCARACTERÍTICAS DE BIA	45
Figura 6: O CABELO DAS MENINAS.....	48
Figura 7: A AMIZADE.....	50
Figura 8 O CABELO BOMBRIL.....	52
Figura 9: A REFLEXÃO	53
Figura 10: A REAÇÃO	54
Figura 11: O PROBLEMA	56

INTRODUÇÃO

Se eu quero pixaim, deixa
 Se eu quero enrolar, deixa
 Se eu quero colorir, deixa
 Se eu quero assanhar, deixa
 Deixa, deixa a madeixa balançar
 Chico César

Vivendo em uma sociedade – de maioria afro descende – buscamos compreender como se constitui a representação da estética negra, em um país ainda racista, observamos como o discurso do racismo se manifesta numa sociedade construída e influenciada pelas características africanas.

Decorrente de vários questionamentos e inquietações buscamos compreender a representação do negro na literatura infantil em Mato Grosso voltada para a construção ideológica de uma estética negra tendo como ícone identitário o cabelo crespo e os estereótipos adquiridos aos longos dos anos. Não temos como falar da cultura negra sem citar o preconceito que abarca a negritude e a tentativa de apagar a história do povo africano.

Nesse sentido, elegemos como *corpus* dessa pesquisa, a obra da jornalista Neuza Baptista Pinto, Paulista, que reside em Mato Grosso a 20 anos, *Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar*, lançada em 2007, a obra segue a lei 10.639/03 que determina obrigatoriamente o ensino da história e cultura afro-brasileira, e que deve estar nos conteúdos programáticos de todas as disciplinas os estudos da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira, e o negro na formação da sociedade nacional, que tem por objetivo resgatar a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política referentes a história do Brasil.

Esse trabalho se estrutura em três capítulos, o primeiro intitulado Literatura infantil para crianças: panoramas e miragens, em que aborda o surgimento da literatura infantil e o desenvolvimento do gênero ao longo dos anos, fazendo um percurso histórico do conceito de criança se estendendo nas transformações do gênero desde a origem até as obras contemporâneas, o segundo capítulo Literatura em Mato Grosso no qual temos como suporte teórico duas dissertações apresentadas por Renata Beatriz B. Rolon e Angela

T. Fontana de Souza que enfatizam a Literatura Infantil Mato-Grossense, como o surgimento recente desse gênero no Mato Grosso, em que temos poucas produções se observarmos o cenário geral das produções de literatura infantil, temos produções registradas de 1992 a 2009.

O terceiro capítulo tem por objetivo apresentar e analisar a obra "cabelo ruim?" Na qual a diversidade racial é o foco, a narrativa traz o propósito de trabalhar a negritude brasileira e seus preconceitos de maneira que possibilite as crianças e adolescentes compreender como funciona a discriminação em um país que a miscigenação é característica principal dos habitantes, é importante ressaltar minuciosamente a obra pois a mesma traz conceitos importantes para a pesquisa evidenciando uma ideologia existente a séculos em que a cultura negra é vista ainda de forma escravocrata.

Contudo o trabalho traz uma um livro infantil que busca mostrar para as crianças a cultura negra, divergente da concepção eurocêntrica, buscando afirmar um conceito de beleza censurado pela sociedade, ressaltando a beleza do crespo possibilitando um novo pensar e uma nova construção do que se entende por estética.

1 – LITERATURA INFANTIL PARA CRIANÇAS: ENTRE PANORAMAS E MIRAGENS

O surgimento da literatura infantil como gênero se deu na metade do século XVIII, a partir da literatura oral, tendo como princípio da escrita para crianças o classicismo francês que apareceu no século XVII, com as fábulas de La Fontaine por volta de 1668 e 1694, as aventuras de Telêmaco, de Fénelon em 1717 e os *Contos de Mamãe Gansa* de Charles Perrault em 1697, que tinha como base passar histórias de fundo moral.

A literatura infantil começou a encorpar-se a partir do crescimento econômico e social na Inglaterra, a Revolução industrial teve grande influência para o crescimento econômico e social, uma das pioneiras a participar dessas mudanças foi a Inglaterra que possuía um êxodo rural e uma burguesia rica. A revolução foi uma transformação para o século XVIII, com a queda da economia gerada pela mão-de-obra artesanal passando para a força das máquinas, surgia uma nova economia, o fluxo de imigrantes era evidente nesse período, as máquinas seriam uma forma mais rápida para obter recurso, isso impulsionou uma grande massa de camponeses a buscarem condições melhores nas cidades, mas com o aumento populacional da zona urbana, a mão-de-obra ficou barata e a exploração se tornou algo banal.

Com o crescimento da população, a burguesia passou a integrar uma nova classe social, o poder financeiro fez com que obtivesse riquezas que serviriam para financiar as indústrias e o desenvolvimento do país, a exploração se incumbiu de ajudar a enriquecer nessa nova classe social, os camponeses trabalhavam em condições precárias, a jornada de trabalho era alta, foram incluídas as mulheres e crianças para trabalharem nas fábricas com baixos salários e nenhuma condição que os beneficiasse as famílias.

É de extrema importância citarmos a *História Social da Criança e da Família* (1978) de Philippe Ariés, que expõem o lugar que a criança ocupa na sociedade, temos como ponto de partida a formação da infância traçada a partir da Idade Média que nos ajudará a entender a concepção de infância do século XII a XX em que a sociedade vem criando concepções e modelos de infância.

Desde a antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo inclusive a duração da infância reduzida. Por volta do século XII era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que a arte medieval a desconhecia (ARIÉS, 1978)

A criança no período medieval era tida como um instrumento ideológico dos adultos, a vida adulta era iniciada cedo, necessitava adquirir independência física e logo já era incluída nas atividades realizadas pelos adultos, a criança não passada pelo estágio de infância estabelecido pela sociedade atual na qual a criança tem o direito de frequentar a escola, tem o direito de viver em um ambiente organizado, tem o direito em ser protegida pela família e sociedade todos entre outros criados por lei como a constituição federal da criança e do adolescente que prevê cumprimento de todos os direitos conferidas as eles.

Se no período Medieval as crianças não frequentavam a escola somente era possível quando atingia a juventude, o contexto histórico da infância começa a mudar por volta do século XVI a XVII, mas é somente no século XVII que essas mudanças começam a ganhar espaço. Mudanças política e ideológicas estavam em evidência, um novo modelo de civilidade estava sendo implantando o apoio de instituições ajudariam nova formação de infância, instituições faziam parte desse novo progresso, tais como a família e a escola enraizavam-se no século XVII.

A partir da revolução industrial constitui-se um novo modelo de família que tende a ser seguida e considerada padrão a configuração e o papel de cada membro se modifica buscando um equilíbrio e uma maneira que possa ser agradável para todos, a nova composição tem o pai como responsável pelo sustento da casa, a mãe como cuidadora e protetora do lar, e a criança que é o principal elemento na estrutura familiar, pois a conservação da infância é a meta que os genitores formularam para o novo padrão de família, a proteção, o cuidado físico e psicológico para que essa criança tenha um desenvolvimento adequado, o trabalho infantil é repellido dessa nova configuração, a criança passa a ser um ser em desenvolvimento que precisa de incentivo, o comércio de produtos para crianças brinquedos e livro se torna lucrativo.

Outra instituição que ajuda a consolidar politicamente e ideologicamente a burguesia é a escola, espaço que era frequentado por crianças da nobreza

mas que no século XVIII na Europa, passa a ser obrigatória para todas as crianças, a criança passa a ter um contato com um ambiente social diferente do que tem em seu lar, na escola é o primeiro ambiente de convívio com outras pessoas que não esteja no círculo familiar.

A transformação ocorrida pela tecnologia – Revolução Industrial – trouxe um aumento significativo para as editoras de livros infantis e materiais pedagógicos que nesse momento buscavam instrução. E para a nova sociedade a escola passou a exercer o papel de alfabetização e surgindo novas necessidades as editoras aumentaram significativamente as produções de materiais para a formação da criança, fazendo com que os escritores de literatura infantil galgassem um importante espaço literário e assim o governo começa a incentivar a formação das crianças.

No século XIX, tivemos alguns vestígios de literatura para crianças, mas nada que ganhasse um grande espaço. A partir do século XIX a literatura infantil se inicia efetivamente no Brasil com o surgimento da imprensa Régia as editoras começaram a publicar as traduções de literatura infantil. As mudanças políticas do novo governo afloraram o campo da literatura, o país estava caminhando para a República, e os vestígios da modernidade já eram visíveis, e um destes foi à abolição da escravatura.

A Literatura no Brasil se fortificou com as publicações dos *Contos Infantis*, em 1886, de Júlia Lopes de Almeida constando-se de adaptações de obras europeias. As adaptações e traduções não visavam somente os contos de fadas envolvia bem mais projetos educativos pedagógicos desenvolvidos na Europa e adaptadas para a literatura brasileira, o projeto tinha como finalidade fortalecer a nação, o patriotismo e civismo

O Brasil República, tomando como mote o civismo e o patriotismo, fez com que o governo investisse na produção que falasse da nação brasileira. Os autores, Olavo Bilac e Manuel Bonfim em 1910 adaptam a obra francesa para o Brasil, com conteúdo didático, intitulada *Através do Brasil*, tendo um teor pedagógico. Os personagens são crianças que relatam a trajetória de dois irmãos de 10 e 15 anos em busca do pai doente que é dado como morto e eles continuam prosseguindo no encontro de alguns parentes, iniciam a aventura desbravando o Brasil por inteiro de norte a sul, conhecendo todas as peculiaridades de cada canto do país: o clima, as paisagens, a economia e a cultura.

Observamos que a obra *Através do Brasil* é carregada de caráter didático pois é possível conhecer as belezas e as características de cada estado no decorrer da narrativa. A obra "Através do Brasil" mostra os personagens infantis heróis que conhecem a exuberância do seu país, essa obra encaminhada para a escola tinha a função de instruir os alunos a conhecer a geografia e a história de cada estado sem sair do seu próprio ambiente.

Outra produção de Olavo Bilac em que podemos observar o conteúdo pedagógico é "A casa", poema escrito em 1949, de conteúdo didático, moralizante que propõem o que a criança deve fazer, que encaminha a criança para uma vida de regras a serem seguidas.

A casa

O filho implume, no calor do ninho!...
Vê como as aves tem, debaixo d'asa,
Deves amar, criança, a tua casa!
Ama o calor do maternal carinho!

Dentro da casa em que nasceste és tudo...
Como tudo é feliz, no fim do dia,
Quando voltas das aulas e do estudo"
Volta, quando tu volta, a alegria!

Aqui deves entrar como templo,
Com a alma pura, e o coração sem susto:
Aqui recebes da Virtude o exemplo,
Aqui aprendes a ser meigo e justo.

Ama esta casa! Pede a Deus que guarde, Pede a
Deus que proteja eternamente! Porque talvez, em
lágrimas, mais tarde, Te vejas, triste, desta casa
ausente...

E, já homem, já velho e fatigado,
Te lembras da casa que perdeste,
E hás de chorar, lembrando o teu nasceste!
(BILAC, 1929, p. 21)

A casa é um poema escrito por um eu-lírico adulto, é um poema que tem na concepção da prática pedagógica e moralizante, no qual o interesse é voltado para o didatismo da criança, essas produções não são consideradas interessantes para o letramento de crianças, a autora Maria Antonieta Cunha (1988) discute a traição do leitor-criança visto que as obras escritas para o público infantil são escritas por adultos, todavia esse não é o problema, o que causa essa concepção de traição é a escrita do adulto representando a

criança, embora saibamos que o consumo desses textos e obras é voltado para o público mirim, porém as discussões desenvolvidas são de interesse dos adultos.

Assim, a autora Muitas obras para criança e ditas de literatura infantil não se desprendem de uma peculiaridade do discurso pedagógico: a redução da criança, notadamente pela facilitação artística (puerilidade) e pelo tom moralizador. Nesse caso, temos uma pretensa literatura infantil, exatamente como, dentro da produção artística para adultos, existem lamentáveis equívocos: há mais romances, maus poemas, maus contos. E ninguém invalida a literatura. (CUNHA, 1988, p.22)

mostra que a traição do leitor é posta em veracidade quando o autor deixa de olhar para o lado artístico literário que envolve a escrita da literatura infantil, tendo como objetivo alcançar unicamente o objetivo do adulto que deseja que a criança, a partir da literatura infantil absorva conteúdo que ele julga correto. Então, se questiona qual a natureza específica da literatura infantil há duas tendências a literatura para os fins pedagógico ou para a arte, eis o que implicam literatura pertencente a qual dessas duas áreas, que segundo Nelly Coelho:

Felizmente para equilibrar a balança, há já uma produção infantil e juvenil de muito bom nível que conseguiu, com rara felicidade, equacionar os dois termos do problema: literatura para divertir, dar prazer, emocionar... e que, ao mesmo tempo ensina novos modos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar...E principalmente se mostra que é pela invenção da linguagem que essa intencionalidade básica é atingida.(COELHO,2000, p, 20)

Visto que o que Cunha (1988) relata é que o adulto mediador tome consciência que a literatura tem essas duas tendências e que o equilíbrio delas resultara em uma formação completa para a criança.

Olavo Bilac atendia os fins do governo, ele era encarregado de escrever mostrando o civismo, o patriotismo e a beleza do Brasil. Esses conteúdos moralistas não eram bem aceitos, a imposição e a forma autoritária são renegadas pelo mundo infantil, a leitura tinha função exclusiva para fins pedagógicos, a escrita era culta de maneira que não encantava o público infantil.

O poema não abre possibilidade para criação de outro mundo tudo já está pronto, formado conforme os preceitos e valores do mundo adulto "Deve amar, criança, a tua casa" esse trecho mostra a imposição que é feita a criança é dada uma ordem para ela amar a casa, a ordem advém com uma punição, conforme observamos. Nas três primeiras estrofes, o eu-lírico relata que a casa

deve ser amada, e que o ambiente vivenciado na casa é de plena felicidade, o eu-lírico enfatiza as virtudes da casa, as virtudes devem servir como um espelho a criança, deve refletir as coisas boas que a casa oferece, a casa é um espaço dito pelo autor como sagrado "Aqui debes entrar como templo"/Com a alma pura, e o coração sem susto", então quem habita na casa deve ter essa santidade ou tentar encontrar, assim a pureza e santidade ambientam a casa e quem pertencer a casa também deve seguir seus passos

Nas duas últimas estrofes, como forma de punição para quem não ama a casa, terá um fim triste, solitário no qual se arrependerá de não ter amado ou deixar a casa onde nasceu, quem abandonar seu lar perderá toda a felicidade. O poema mostra o quanto a criança é dependente da família, somente no ambiente familiar ele poderá ser feliz, a representação da família a segurança o ambiente que protegerá a criança contra todo o refúgio para todos os momentos, enfim o abandono dessa casa tradicional terá consequências. Pede a Deus que proteja eternamente! Porque talvez, em lágrimas, mais tarde/ Te vejas, triste, desta casa ausente... a profecia que a tristeza será a única coisa que restará para quem abandonará é a conclusão do poema, esse modelo de escrita no qual mostra os valores a serem seguidos e em seguida a punição para quem não segue a forma ordenada é de conceito didático, observamos agora outro poema com o mesmo título, mas sem o conceito didático.

A Casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos bobos
Número Zero.
(MORAES, 1970,p. 8)

A casa de Vinícius de Moraes (1970) é leve, não é possível ficar preso nela porque não tem nada, mostra a liberdade de poder criar e imaginar. Na casa não tem normas para entrar nela, é um poema que pode ser trabalhado didaticamente em sala de aula, pode ser usado para instigar a imaginação dos pequenos a se relacionarem com o que eles têm pela casa, a inexistência dos elementos que compõem a casa é o que encanta: a possibilidade de liberdade.

A imaginação é posta em jogo e como a realidade da criança é diferente a do adulto, ela aceita essa casa que não tem nada como natural, na inexistência encontrasse a magia da casa, "Era uma casa/Muito engraçada" esses dois versos são a chave para o encantamento da criança, é fixada uma casa não tradicional que é composta por nada, no qual a ausência é o principal elemento, porém por não ter nada, a casa é feita com esmero, o autor enfatiza por mais que a casa não tenha nada é feita com "esmero" essa palavra final modifica o rumo do poema é a palavra mágica passa a estar presente o esmero, o cuidado e o requinte da casa que não tem nada, até o endereço da casa é uma jogo com o leitor, não tem numero a casa pode-se imaginar uma casa irreal.

O Brasil estava iniciando uma nova economia, o capitalismo, a República e a classe dominante buscavam uma economia estabelecida pelo café, o processo de migração foi comum para o desenvolvimento, abandonando o trabalho escravo pela mão de obra assalariada, a urbanização aumentava as cidades e iniciava uma nova política e ideologia para o país.

O Brasil inicia suas produções literárias infantis tardiamente comparados aos outros países da Europa, a partir da mudança da família real e a vinda da imprensa começar a produzir literatura no país, uma literatura que buscava mostrar a identidade Brasileira.

Precisávamos ter uma literatura, não podíamos ficar associados a Portugal, os autores buscavam uma identidade para o Brasil, a literatura brasileira foi ganho espaço com os romances nos quais a imagem do Brasil era idealizada, a descrição do ambiente era o mais belo da fauna e a flora eram assuntos principais nas obras brasileiras.

Para a fundação de uma literatura autenticamente brasileira, Machado de Assis, em *Instinto de Nacionalidade* nos diz que devemos olhar para o que está no interior, construir obras que mostrassem o que realmente constituía a sociedade, deixando de construir obras que representavam apenas a natureza,

em outras palavras, literatura deveria deixar de ser descritiva e assumir uma posição crítica, relacionando aos problemas que assolavam a sociedade contemporânea do século XIX.

Os escritores, buscando esta legitimação da literatura, escreveram muitas obras acerca da natureza mítica e exuberante do território brasileiro, com o índio sendo o ponto central da narrativa, porém produzindo literaturas sempre de forma que favorecia as ideologias correntes na época, pois o Brasil precisava ser exposto, mas não podia ser mostrado de forma em que o papel do império português fosse descrito com um fator prejudicial, o império, porém, deveria ser retratado nos livros como o grande bem feitor, o qual fizera apenas o bem, trazendo a civilização do velho mundo para terras brasileiras.

Já no início do século XX, a urbanização fez emergir a população rural para as cidades, com as transformações que estavam ocorrendo, o consumo literário foi aumentando, sobretudo a partir de 1930 com ascensão de Vargas no poder, literatura infantil foi tomando espaço com influência da escola que mantinha uma força política e ideologia no novo governo, os livros para crianças e materiais escolares foram aparecendo, diferente da literatura brasileira que tinha a necessidade de se mostrar em quanto país elevando a beleza do Brasil, a literatura infantil iniciou seus trabalhos através das traduções de obras advindas dos países Europeus, Portugal fazia o trâmite das primeiras traduções vinham de Portugal, não sendo muito agradáveis, mas o espaço para a criação de produções de literatura infantil veio com força no século XX, podemos afirmar que em 1921, a literatura infantil ganha grande repercussão com as obras de Monteiro Lobato.

A primeira obra publicada, *Narizinho arrebitado* tornou-se um sucesso e é adotada nas escolas públicas do Estado de São Paulo, Lobato investiu na literatura infantil, de autor passou a empresário, fundou duas editoras Monteiro Lobato e Cia e logo depois Campanhia Editorial Nacional Brasiliense, com suas próprias editoras publicou seus livros, as transformações estavam em ocorrências revoluções e mudanças ajustavam os cenários literários.

Lobato publica mais algumas obras "As aventuras dos netos de Dona Benta e os Doze trabalhos de Hércules", antes da sua partida para a Argentina, a literatura infantil continuou firme com outros autores que se propuseram a escrever para crianças e ajudaram na modificação da literatura infantil.

Foi notável o crescimento da produção de literatura infantil, o aumento de escritores que passou a escrever para as crianças, os fatores sociais

ajudaram, a nova forma de governo, a economia e industrialização aumentaram a população passou a consumir os produtos culturais. A sociedade estava vivendo novos tempos a arte era necessária para a constituição da nação, os autores estavam empolgados com o gênero que estava em expansão permanecia assim a literatura infantil forte no mercado, assumindo uma responsabilidade com o público alvo, com isso a busca por alfabetização e cuidado com a aprendizagem se torna fundamental a instrução escolar é a responsável sobre a criticidade do material que elas estão absorvendo.

Com a valorização da educação, passou a se preocupar com os conteúdos utilizados e percebeu que tinha carências de materiais infantis, e os poucos que circulavam era de origem estrangeiras, tinha a necessidade de formar as crianças com literatura do seu país, procurando usar cada vez menos as literaturas estrangeiras. Fundava um modelo de país moderno que estava sendo construído e que tinha como segmento uma literatura nova de público jovem que iria ser o futuro da nação, assim era visto o Brasil e suas novas escritas para a Literatura infantil.

Em 1945, se tem uma abrandada na produção da literatura infantil influenciada pelos conflitos decorrente da época, o mundo vivencia um período de pós-guerra, mudanças surgem em todos os países cada um defendendo seus interesses.

No Brasil, o comando estava nas mãos dos militares, eram eles que colocavam os governantes no poder, e a briga política era para a redemocratização, Getúlio Vargas era o então presidente, a reestrutura do regime democrático foi uma conquista política da época. Vargas foi deposto em 1945 e eleito em 1950 no qual cumpriu seu mandato até 1954, ano em que se suicidou.

Em 1955, o Brasil estava na mão de um o novo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira(JK), presidente que comandou o país durante 5 anos, contribuindo para o Brasil em diversos fatores, o primeiro projeto enfatizado por Jk foi uma política desenvolvimentista na qual o propósito era aumentar a economia do Brasil "cinquenta anos em cinco", esse desenvolvimento acelerado trouxe benefícios e prejuízos para o país, a economia cresceu em diversos setores(transporte e energia) proporcionando melhorias para o país aumentando a economia de uma parte do Brasil com o aumento da economia passou a crescer as desigualdades sociais e o Brasil aumentou a dívida com o exterior.

O mandato de JK terminou em 1960, quando o novo presidente Jânio Quadros ganhou as eleições e passou a ser o novo presidente do Brasil mas seu governo não foi duradouro apenas poucos meses, acarretando uma crise política, que se estendeu no Golpe Militar.

As mudanças não estavam acontecendo somente na política na cultura todos os meios culturais estavam passando por transformações, uma nova geração de poetas surgia em 1945 com aspectos contrários ao modernismo, as mudanças ocorridas na semana da arte moderna foram renegadas por essa nova geração a poesia que tinha quebrada a forma arcaica da escrita foi por eles resgatados, a linguagem da nova geração voltou a forma culta, as formas líricas, a composição política foi resgatada na geração de 45.

Nessa terceira fase os autores não estavam preocupados em falar do conflito de pós-guerra que estavam vivendo, cada autor ambientava o que lhe interessava, um ciclo de renovação cultural circulava nesse período. A produção de literatura para crianças segue os temas da segunda fase um Brasil rural, os escritores passam a escrever nessa fase não a beleza das fazendas e Sítios que é o espaço da história contada mas sim as aventuras das crianças urbanas que vinha para a zona rural, assim como as aventuras dos netos de Dona Benta, de Monteiro Lobato que acontece no sítio.

Assim, percebemos que a literatura toma outra direção resgata a fase rural elevando a agricultura que sustentava o país desde o período colonial, e a valorização do homem do campo, os escritores apostavam em temas e personagens que explorassem o meio rural, outro tema importante abordado pelos escritores foi os bandeirantes no período da colonização, desbravando o Brasil e encontrando riquezas, esse tema era bem querido pelos escritores na década de 40 e 50, o assunto das aventuras dos bandeirantes era um material de caráter político que ganhou espaço no ambiente escolar estava então entrelaçada literatura e ensino.

Na literatura, essa valorização ideal do indivíduo está patente nas características dos heróis ou personagens românticos: todos eles, seres de exceção, modelos das qualidades e virtudes consagradas pela sociedade, como padrões ideais a serem imitados (COELHO, 2000, p.20).

Coelho (2000) em sua obra *A literatura infantil e seus caminhos* expõe como a literatura modelar obteve um espaço histórico importante para o seguimento da literatura infantil a estrutura de herói que encontramos e de fato romântica uma idealização de personagens. Nesse período, as aventuras são os assuntos abordados nas obras pelos escritores, o que também chama a

atenção e a criança em foco na obra o autor Jeronymo Monteiro tematizou a criança caracterizando e dando voz para ela em espécie animal e em bonecos. Nessa terceira fase o ingresso de outros autores que seguiam o padrão de narrativas que tematizam a infância usando como exemplo animais domésticos que relatam como as crianças devem agir.

Esse estilo de narrativa estava sendo utilizada pelos autores como uma forma de mostrar que a criança necessitava de proteção, a antropomofização era um recurso muito utilizado pelos autores, na obra o cachorrinho samba, 1949, da autora Maria José Dupré, relata a história de um cachorrinho que conta a sua trajetória da infância até chegar à maturidade, o cachorrinho narra a saída de casa na qual acaba se perdendo e passando por momentos de aflições, embora todos esses momentos de sofrimento poderia ser evitado se o cãozinho não tivesse desobedecido seus donos, novamente voltamos as características de moralismo, o cãozinho na obra simboliza a criança.

Obediência absoluta aos valores, padrões, tabus ou ideais consagrados pelo poder ou pelo saber da autoridade (igreja, governo, patrão, pai, esposo). Tal dogmatismo, que transformou a "autoridade" em "autoritarismo", derivou da crença de que o sistema elaborado era perfeito. Portanto, para o seu pleno sucesso na prática, só haveria um caminho para os homens: obediência absoluta às autoridades detentoras do saber e do poder. (COELHO, 2000, p. 20).

Seguindo as entidades que contém o poder (igreja, governo) a literatura estava a serviço de produção idealizada, sendo a criança um ser que será moldado conforme as sugestões dos adultos, sempre a seguir um padrão de certo/errado, bom/mal, outras obras seguem o mesmo tema Atíria, a borboleta(1950), de Lúcia Machado de Almeida, Abelhinha feliz(1950), O peixinho sonhador(1968), do autor Ivan Engler entre vários que abordavam o animal doméstico como símbolo da criança. Assim, junto com os animais que simbolizavam as crianças os bonecos como Emília a boneca de pano de Monteiro Lobato, Pinóquio o boneco de madeira que quer se tornar menino, o efeito é o mesmo das histórias dos animais o conteúdo moralista fica presente na obra a ênfase que a criança têm o dever de ser obediente. Com isso fecha a terceira fase as narrativas que têm conteúdo pedagógico e que são de interesses do mundo adulto.

O estopim da Literatura infantil se deu na década de 60 com o surgimento de instituições voltados para a leitura e conhecimento de obras infantis. As fundações que colaboraram com ao crescimento da Literatura para

crianças a Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil(1968), o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil(1973), as várias associações de professores de Língua e Literatura e a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, criada em São Paulo em 1979.

Por volta de 1970, com o surgimento das instituições e fundações que passariam a fomentar a Literatura Infantil, o Estado absorveu a necessidade cultural de investir na produção de Livros e Materiais oferecidos para o Público infantil, pois bem foi esse o movimento que levou a produção do Livro para as crianças agora com um novo elemento, as produções estavam em alta, o mercado livresco investia na estética o livro com uma escrita que atraia o publico alvo, a dedicação a essas produções cresceram autores renomados como Cecília Meireles, Mario Quitandas, Vinicius de Moraes e Clarice Lispector apoiavam o gênero.

A escrita do gênero infantil fez favorecer as produções nacionais, a força da escrita nacional que estava em declínio passou a elevar os títulos e produções brasileiras era a mostra de uma política e economia em recuperação.

Começa com Lobato as produções modernistas no qual as obras carregam um cunho de crítica ou de reflexão dos acontecimentos históricos e sociais, as críticas das obras lobatianas advém dos temas críticos que abordam reflexões sobre o comportamento da sociedade, sobre a estrutura do ser humana perante o próximo e as questões social decorrentes da época as obras lobatianas são exemplo de críticas sociais "As aventuras dos netos de Dona Benta" e todos os envolvidos no espaço rural são elementos de demonstração de crítica social.

A personagem negra Tia Nastácia, que cozinha para os moradores e que vive no sítio por caridade, é um personagem que mostra como a figura do negro é representada, por vezes Lobato foi visto como um autor que demonstrava nas suas obras elementos Racista pelo modo que definia Tia Nastácia, contudo o que temos é um autor que faz uma denúncia de como era ser negro em liberdade, a crítica relatava que de nada tinha mudado, pois as condições de sobrevivência que eram dadas ao negro após a abolição era nenhuma, mesmo assim a Literatura Infantil muitas vezes é vista como ingênua por tratar de obras para crianças é rotulada como um gênero tutelado.

Assim caminhava a literatura moderna escrita para crianças, Lobato abriu as inquietações e as críticas e um longo caminho estava a percorrer,

temas contemporâneos como divórcio, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissível, homossexualismo, assuntos que trazem polêmicas, autores que representavam o realismo do contexto social, que abordam a violência e a marginalização *A transa amazônica* (1973), de Odette de Barros Mott; *Lando das ruas* (1975), de Carlos de Marigny; *A casa da madrinha* (1978), de Lygia Bojunga Nunes; *Coisas de menino* (1979), de Eliane Ganem; *Os meninos da rua da Praia* (1979), de Sérgio Caparelli.

Essas obras surgiram como um bombardeio, pois anteriormente a criança era poupada de alguns tipos de assuntos por não terem maturidade para entender e discutir assuntos que aconteciam no contexto social em que viviam, o gênero de literatura infantil começou a produzir obras que tratasse de assuntos cotidianos da criança obras nas quais as crianças poderiam ler e compreender.

2. LITERATURA INFANTIL EM MATO GROSSO

Com o percurso que realizamos acerca da Literatura Infantil no Brasil observamos como o espaço para esse gênero foi se expandindo no passar dos anos, questões como o contexto social, a política e a economia foram fatores que auxiliaram na construção do espaço Literário Brasileiro, contudo o que move a história e a cultura de cada País é a memória que se têm e como se deu origem a formação histórica e cultural para assim prosseguirmos buscar outra História e cultura para observamos o que há de diferente ou de semelhante.

O trajeto agora será feito para conhecermos o surgimento da Literatura Infantil em Mato Grosso tendo como referência teórica Renata Beatriz B. Rolon e Angela T. Fontana de Souza que enfatizam em suas Dissertações que falar da Literatura Infantil Mato-Grossense não é tarefa fácil pelas poucas pesquisas que se tem sobre essa produção.

Segundo Antônio Cândido, as produções se constituem dentro de um tripé: autor, obra e público, pois primeiro é necessário alguém para escrever; o criador, segundo o que escrever isso envolve temas assuntos tendo como mote um período histórico e a que finalidade se tem a produção da obra que deseja ser escrita, em terceira a quem se destina essa obra, sabemos que o autor não escreve a obra para si ele deseja que essa obra chegue a um público e que sua produção tenha uma significação.

Contudo, a produção literária esta entrelaçada entre esses três elementos, assim percebemos que a produções regionais estão de acordo com o que se espera autor, obra e público, delimita a fronteira literária, essa necessidade de expor e mostrar a cultura da cor local, essa busca pelo que é regional se estende desde as obras de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha que abordam o sertão e a luta do homem para sobreviver em seu meio.

Segundo Professora Hilda Gomes Magalhães, na obra Sem perder a raiz (2006) as primeiras manifestações de literatura estariam presentes nas peças teatrais nas escolas para o público infantil e juvenil, as peças seguiam com carácter moralizante, didático dirigidas pela igreja, não se tem nenhum registro dessas peças.

Nas pesquisas não se encontrar registros de obras impressas na década de 70, somente os registros de peças teatrais de 1980, o que nos leva a possibilidade do surgimento das primeiras manifestações literárias no Mato Grosso advim do teatro assim afirma a professora Catarina Sant "Ana no ensaio Mitocrítica e Mitanálise: elementos para o estudo do imaginário dos textos teatrais mato-grossense para crianças e jovens -1980-1992, no que diz a autora as peças teatrais na década de 80 em diante é amadurecida demonstrando ser décadas mais antigas. Porém não é possível afirmar com segurança se o teatro foi a primeira manifestação de literatura infantil e juvenil no Mato Grosso por não ter nenhum registro de peças.

Já com segurança a primeira obra infantil impressa no Mato Grosso foi em maio de 1987 apoiada pela UFMT, SESC e da Editora entrelinhas, da escritora Maria das Graças Campos, intitulado as Meninas e o Sabiá, abrindo o espaço para a literatura infantil e juvenil no Estado.

Demarcando o espaço da literatura infanto-juvenil mato-grossense, a obra dá destaque a preservação da natureza, assunto de destaque no contexto histórico do estado levantando questões ecológicas que enfatizava o problema vivenciado, a luta pela criação do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães e a derrubada da centenária igreja matriz de Poconé pelos garimpeiros, influenciada pela lenda de haver ouro debaixo do alicerce da igreja, a obra As meninas e o sabiá, teve grande impacto, foi lançando pela autora no dia nacional do meio ambiente debaixo de uma árvore, na Praça da República na capital do Estado, ganhando repercussão sendo assunto de todos os jornais no estado.

Essa tendência de escrita priorizando o meio ambiente foi seguida por diversos autores em 1989, Fernando Antonio de Almeida, publicou em Rondonópolis o livro "O dia em que o Caçador virou Caça" com teor ecológico defendendo o Pantanal.

Em 1990 Eclýse Matos, autor Mato-Grossense, publica pela editora Vozes no Rio de Janeiro, o livro "O Natal Tropical" uma obra diferente cativante, descontraída lúdica que interagem do início ao fim com o leitor, Eclýse inova não seguindo nenhuma tendência e sim criando uma própria.

É importante destacar as obras de Antônio de Paduá e Silva em 1991, eles escrevem a primeira coleção de livros juvenis da nossa literatura essas coleções e repleta de mistério e ação, obra que encanta os jovens.

E assim vai se estendendo as produções infantis e juvenis no estado o surgimento de autores interessados a escrever, os temas vão se tornando diversos. Nossos registros trazem, além de livros, revistas em quadrinhos como a Revista Cuiabana em Quadrinhos Gonçalves (1992) e a revista Nico & Lau(?). Dos livros catalogados, posteriores aos três primeiros já citados, listando em ordem cronológica, têm: Guerra no Pantanal (1991), Selva e chuva (1992), Na terra da confusão (1993) e O gato que amava Girl (1994), todos de Antônio de Pádua e Silva; O imigrante (1994), O rio (1995) e Covardia (1995), de Maria do Carmo Alves de Souza; Mamãe sonhei que era um menino de rua (1996) e A fábula do quase frito (1996), de Ivens Cuiabano Scaff; Isso é coisa de pirata (1996), de Wander Antunes; Uma maneira simples de voar (1997) e O papagaio besteiro e a velha cabulosa (1999), de Ivens Cuiabano Scaff; Crescendo com as letras (1999), de Antônio Soares Gomes; Clarinha, a nuvenzinha sapeca (2000), de Elizete Nunes; Gota d'Água (2000), de Marlon Carvalho de Souza Rocha; Os alegrinhos (2000), de Maria Auxiliadora de Paula Macieski; Pintou sujeira (2001) e Vovó Naná nana Nina (2002), de Elizete Nunes; O gato Mingau (2002), de Zélia dos Santos Diniz; Cayman & Filhote (2002) e Turma do Pantanal: em defesa da biosfera (2002), de Valdemar Souza; O Aprendiz (2002), de Miriam Botelho dos Santos; Candimba (2002), de Heliara Costa e Wander Antunes; Coleção Mundinho (2003), em 5 volumes de Richard Mason; Amarelinhos (2003), Uma chance para Margarida (2003) e Rio 54 de sonhos (2003), de Maria do Carmo Alves de Souza; O galo que pingava ouro (2003), de Sebastiana Moreira de Souza Alves; A borboleta Urbana (2003), de Maria Auxiliadora de Paula Macieski; Pantamons: uma aventura no Pantanal (2004), de Marlon Carvalho de Souza Rocha; Iluminando os caminhos do aprendiz (2004), organizado por Miriam Botelho dos Santos; Brincar de ver em versos (2004), de Altair da Silva Moraes; O peixinho sabido e a cadeia alimentar (2004), de Rubens Gimenez Rodrigues Filho; A árvore e a cidade (2005) e João Ninguém (2005), de Maria do Carmo Alves de Souza; A gata Bana visita o Pantanal (2005), de Maria de Lourdes Figueiredo Bastos da Silva Ramos; O menino que queria ser cientista (2006), de Carlos Gabriel Zucher Oliveira; Tonho da Onça (2006), de Olga Carvalho de Souza e Laís Maria da Cunha Fagundes; Anedotas que papai contou (2006), de Cidinha Carvalho; Cabelo ruim? (2006), de Neuza Baptista Pinto; Cidadão, o cachorro feliz (2006), de Dolores Cruz Roselli; As andorinhas (2006), de Paulo Wagner;

Cuiabá: duas novelas (2006), de Gabriel de Mattos; As aventuras de Zumbelha (2007), de Marli Batista dos Reis Santos; As aventuras do robô Tagarela (2008), de Scheila Couto; Dona Treleleca e seu Trelelezinho (2008), de Danuza Soares Lenzi; Bugrinho, que menino é esse? (2008), de Daniela Freire; Conferência no cerrado (2008), de Durval de França e Cristina Campos; O menino órfão e o menino rei (2009), de Ivens Cuiabano Scaff.

2.1.LITERATURA NEGRA: POR CAMINHOS POUCOS- NAVEGADOS

Em relação as obras literárias rotuladas como canônicas da literatura brasileira enfatizaremos um elemento que pouco se destaca e que é considerado como coadjuvante nas obras em que os citam, a figura do negro. Esse era representado de maneira depreciativa, considerado um animal irracional incapaz de falar por si, tendo o instinto selvagem como uma característica evidente em suas representações na e pelo texto literário, e que se sobressaia diante de tantas outras, sendo ele retratado pela sociedade branca dominante, como um ser inferior construindo um discurso histórico no qual temos a desvalorização da cultura afro-brasileira.

Observa-se que a história de formação do Brasil tem em sua gênese a dominação e colonização de um povo, resulta que a ligação de portugueses vindos da Europa com costumes e cultura ditos nobres ao encontro de nativos considerados como selvagens resultaria em um processo de miscigenação, a ocupação do Brasil pelos europeus se instaurou de modo não positivo a imposição sobre os indígenas e se constitui como marco dessa colonização visando o fator econômico como primícias para um desenvolvimento de um país em formação, assim podemos dizer que a dominação das raças consideradas inferiores aos dos aristocratas europeus foi um fator importante para a constituição da desigualdade social que ainda existe nos dias atuais.

Tendo em vista a exploração indígena e africana, a principal fonte de renda do Brasil, iniciando pela extração do pau-brasil utilizada para a fabricação de tintura no qual os índios foram os explorados, se estendendo para a produção de cana-de-açúcar em que a mão de obra era do povo africano. Em meados de 1560 aportaram os primeiros navios de escravos em salvador, os colonizadores trouxeram negros do continente africano para as terras brasileiras para fazerem os serviços braçais, não dando a estes seres humanos as mínimas condições de sobrevivência.

O estudo da figura negra no âmbito acadêmico surgiu no Brasil por volta de 1940 por Roger Bastide com a obra Estudos afro-brasileiro, outros autores que discutem a imagem do negro são: Raymond Sayers(1958) e Gregory Rabassa(1965) que apresentam o negro na ficção Brasileira, David Brokshaw(1983) Raça e cor na Literatura Brasileira, essas discussões em torno

do negro se constitui em um discurso histórico no qual o negro representa uma condição inferior as outras raças. E nestas discussões apontam a representação de inferioridade do negro na sociedade.

À medida que os movimentos negros se fortaleceram, temos o início de uma reconstrução da imagem afrodescendente, que toma por objetivo escrever uma literatura própria. É possível criar um panorama das formas que os negros eram tratados literariamente desde as primeiras obras até os dias atuais, isto graças constantes crescimento dos movimentos pela igualdade. Estes resgataram a figura do negro da servidão, e indignação reconstruindo-a de forma que ele mesmo pudesse usar a voz própria, falando de assuntos que partiam de seu ponto de vista e seus próprios sentimentos.

A preocupação de escrever e divulgar uma literatura negra não surge momentaneamente e sim de inquietações na década 50. Os movimentos negros nos Estados Unidos e na França impulsionam a escrita da literatura negra no Brasil. A cultura negra começou a ser divulgada por escritores negros que em suas obras abordaram o negro de uma forma diferente das que vinham sendo retratadas, a literatura negra que com a ajuda dos movimentos negros conseguiu atingir um maior grau de importância a transformou em um instrumento de combate e denúncias contra os desrespeitos com a afrodescendência brasileira, além de expor suas qualidades.

A cultura é a maior riqueza que um povo pode possuir, e não existe meio mais eficiente de dominação do que a depreciação cultural. E durante a escravidão no Brasil, a cultura africana foi largamente ridicularizada. Os atributos físicos, sociais e intelectuais diferentes eram usados como argumentos que justificariam a escravidão. A cultura afrodescendente conseguiu sobreviver através de manifestações orais que foram repassadas por gerações, mesmo com longas tentativas de apagamento.

Na literatura percebemos que as obras que abordam a temática do afrodescendente carregam nos seus conteúdos preconceitos e estereótipos tendo a figura do negro submissa ao branco e todo este discurso advém de um contexto social, no qual a escravidão determinou o espaço do negro. No período colonial do Brasil podem ser vistas as divisões das classes e raças atribuindo valores as famílias de origem considerada nobre, isto é, essa titulação de nobreza pertencia a aristocracia.

O espaço do negro e do branco é notavelmente divergente, o negro ocupa o espaço de servo, de escravo sendo um papel secundário que a sua utilidade se resume em serviços braçais que ocupa as lavouras e enriquecem os nobres, sem deixar de relatar que a figura do negro era considerada como mão-de-obra barata, ou objeto de prazer, o negro é silenciado não tendo autonomia para falar por ele mesmo sendo tratado como coitado. Enquanto temos a figura do homem branco que ocupa um espaço importante representa uma raça "superior"

Em obras raras que o negro aparece na figura do herói, seu cotidiano é esquecido, ele aparece apenas como um ser individual, e que está lutando pelos objetivos portugueses, isto acontece para que não houvesse contradição entre o enredo e a visão da suposta inferioridade negra disseminada pela sociedade.

Existem algumas pesquisas que estudam as causas do racismo, e em algumas delas, membros da comunidade branca são questionados sobre a condição social do negro no Brasil, e eles atribuem o racismo como uma tendência psicológica humana ou a história da escravidão e não mencionam a defesa que privilégios grupais, ou seja, que as divisões sociais e raciais não são fatores que contribuíram para a perpetuação do preconceito.

Percebemos, ainda, que além do negro ser retratado como ser de baixa moralidade e temos o não reconhecimento das religiões afrodescendentes como legítima manifestação cultural, mas são ridicularizadas e consideradas como fontes de malefícios que contribuem para o aumento do preconceito.

No início do século XIX entra em cena a literatura abolicionista, representada por Castro Alves. Antes desta o africano era retratado como um ser melancólico, saudosos e passivo diante da situação de tortura que precisava ser cuidado e não tinha forças para falar por si mesmo e pelo seu povo.

No século XX os movimentos negros ganham forças e transformam a literatura negra em destaque, ou seja, a literatura não é mais sobre os negros mas se torna a literatura do negro para o negro com todos os aspectos que a configuram, deixando de ser apenas um instrumento de resistência.

Assim que os africanos se encontraram no regime de escravidão, entenderam que para que a cultura não se extinguísse deviam buscar nos resquícios culturais um modo de sobrevivência e este ato originou a cultura de exílio que é uma mescla de várias características.

Os africanos estando assim em um tempo e em um espaço diferente, acreditaram que mantendo a tradição poderiam viver seus costumes quase que da mesma forma que viviam na África. Os imigrantes foram destituídos de todas as suas características como um povo, inclusive de sua língua, e mesmo assim conseguiram se recompor.

Os instrumentos musicais africanos possuem muitas simbologias, e de todos os que foram trazidos para o Brasil o que mais se destacou foi o berimbau que pode ser considerado um símbolo que mantém viva a cultura negra. Os africanos ao serem trazidos para o Brasil encontraram nos terreiros um modo de se reconstituir política, mítico e religiosamente e assim preservar a seu patrimônio cultural.

Para aqueles que foram colonizados, a poesia é um meio de difusão da identidade e tornasse uma forma de manifestar contra as regras impostas pelos colonizadores. Aceitar-se esteticamente também foi um modo de mostrar para a sociedade que os padrões de belezas europeus não são considerados mais, os principais e cada pessoa independente da raça deve fazer aquilo que lhe parece agradável.

Quando a cultura negra chegou, o país ainda não possuía uma literatura própria e para que sua tradição não se perdesse a perpetuaram oralmente, e depois esta foi incorporada a uma literatura que lutava pela libertação de um povo e posteriormente passou a ser considerada como arma para contra os preconceitos. A existência da literatura negra é devida a mudança de papel dos afrodescendentes, antes estes eram retratados numa literatura alheia, eram temas tratados com olhares de desprezo, agora são narradores de suas próprias histórias e assumem o papel de sujeito.

Quando pensamos em literatura negra, não estamos nos referindo apenas à cor da pele de seus escritores, mas também ao seu ponto de vista ideológico, e o desafio de ser um negro capaz de se aventurar pelo mundo da literatura. A literatura negra é marcada ideologicamente, por ter como cenário a temática da história do negro e as relações raciais que configuram a sociedade brasileira.

O sujeito que integra esta literatura não é indivíduo constituído pelos conceitos burgueses, mas representa uma coletividade, em outras palavras, ele traz em suas temáticas as nuances de um povo marcado historicamente pela

escravidão. O valor coletivo sempre aparece quando são narradas as histórias africanas.

A cultura africana que no passado foi fragmentada e menosprezada pelo sistema escravocrata, e ainda sofre por haver segregacionismo, mesmo que essa separação seja velada coube aos afrodescendentes buscar novos meios para o enfrentamento do preconceito. E como resultados destes, temos as manifestações Culturais, entre elas estão os estilos musicais como hip hop, street dance, rap, que retratam em suas letras os preconceitos sofridos, sendo estes compositores inspirados em figuras negras que foram de suma importância para o destaque da cultura negra.

A identidade literária que antes era afirmada pelos sofrimentos dos chicotes e das senzalas, deixou de ser restrita e ganhou espaço inserindo os parâmetros estéticos negros como aceitação da raça, entre esses o cabelo crespo que antes é visto como algo feio e que foi por anos reprimidos e alisado tentando se encaixar nos padrões estéticos impostos pela sociedade branca, atualmente tem sido um símbolo de aceitação da identidade afrodescendente.

A luta contra o preconceito racial existe há muito tempo, e os movimentos negros se fortaleceram e conquistaram a aprovação da lei 10639/03 que determina a obrigatoriedade o ensino da história e cultura afro-brasileira, e que devem estar os conteúdos programáticos os estudos da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira, e o negro na formação da sociedade nacional, que tem por objetivo resgatar a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política referentes a história do Brasil.

A obrigatoriedade destes estudos faz com que a comunidade escolar tenha dimensão da importância da contribuição da cultura africana na história brasileira, essa lei é um dos resultados obtidos pelas lutas contra o racismo. Antes da lei a figura do negro aprecia nos livros didáticos apenas para representar a escravidão atribuindo aos africanos a imagens de seres inferiores. Após a lei os livros trazem a cultura afro-brasileira em um lugar de destaque que permite ao professor trabalhar as diversas características da cultura africana.

3.ESPELHO, ESPELHO MEU, TENHO CABELO RUIM? A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA CABELO RUIM

Neuza Baptista Pinto autora da obra "Cabelo Ruim? A história de três meninas aprendendo a se aceitar", corpus dessa pesquisa, é jornalista formada pela Universidade Federal do Mato Grosso, natural de Lençóis Paulista (SP) e residente em Cuiabá há 20 anos. Tem sua obra Cabelo Ruim integrada a um projeto intitulado Pixaim: Nem bom, nem ruim – apenas diferente que tem o objetivo de valorizar autoestima de quem tem cabelo crespo. Lançado em 2007, a obra traz o propósito de trabalhar a negritude brasileira e seus preconceitos de maneira que possibilite as crianças e adolescentes compreender como funciona a discriminação em um país que a miscigenação é característica principal dos habitantes.

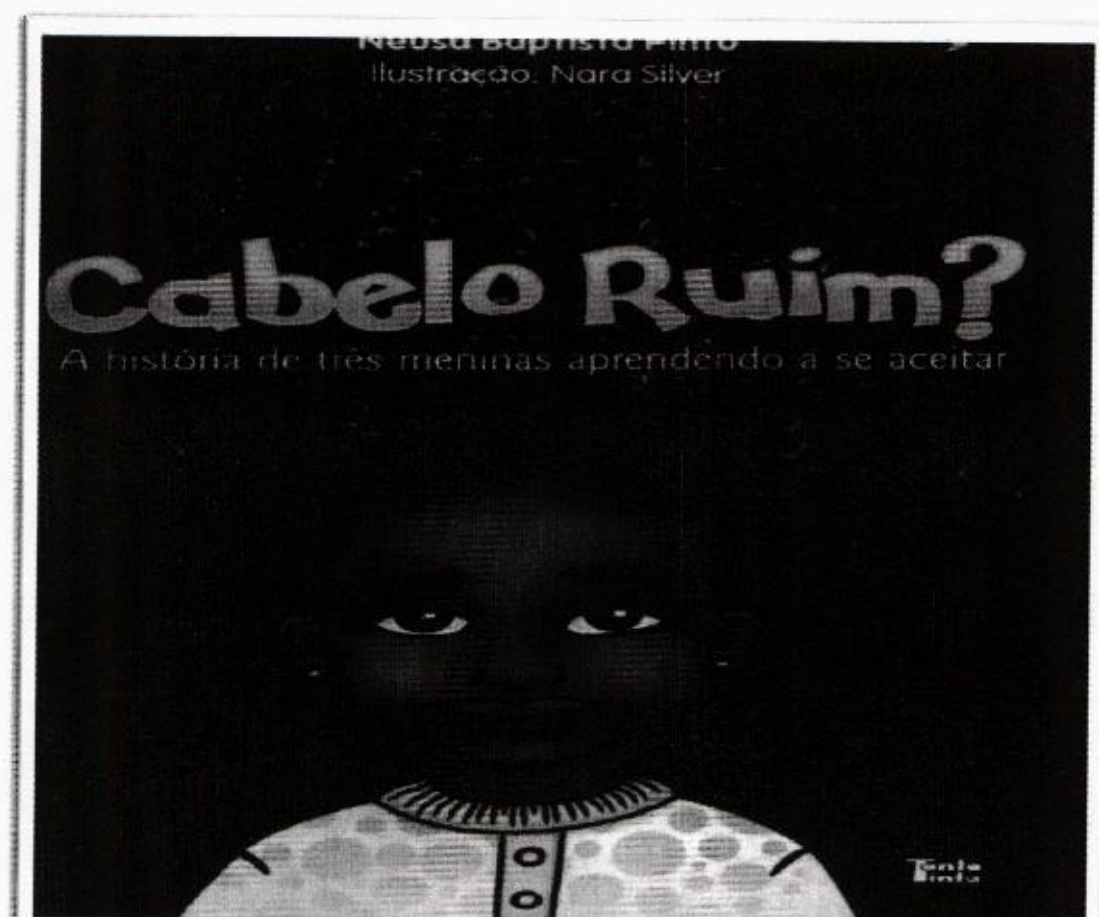


Figura 1: CAPA DO LIVRO CABELO RUIM?

A lei 10.639/03 trouxe para os currículos escolares a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira avançando como uma forma de combate os preconceitos sofridos pelos negros no Brasil, uma tentativa de minimizar é trazer para dentro da sociedade a cultura negra e seus feitos que foram calados por anos, resgatar as lutas e as contribuições da negritude no Brasil, pensando assim as diretrizes nacionais atribuíram a todas as disciplinas que compõem os componentes curriculares, enfatizando as disciplinas de Educação artística, Literatura, História e Brasileira a função de transmitir a cultura negra mostrando os benefícios e a importância que os afro-descendentes tiveram no Brasil.

Quatro anos após a publicação da lei 10.639/03 surge a obra *Cabelo Ruim*, em que o objetivo da autora é tentar explorar o diferente, o que para alguns membros da sociedade é considerado estranho, como o cabelo crespo, que para muitos é feio, para a raça negra é uma forma de se afirmar e demonstrar que a negritude sobrevive em meio ao padrão de beleza instaurado pela sociedade, na maioria das vezes branca. Com isso, Neusa Pinto utiliza de três personagens Bia, Tatá e Ritinha que são meninas negras de cabelo crespo que se tornam amigas e iniciam uma aventura aprender aceitar seus traços de negritude focalizando no cabelo crespo, o preconceito que as garotas enfrentam e a forma em que elas lidam com as manifestações racistas são as principais características da obra.

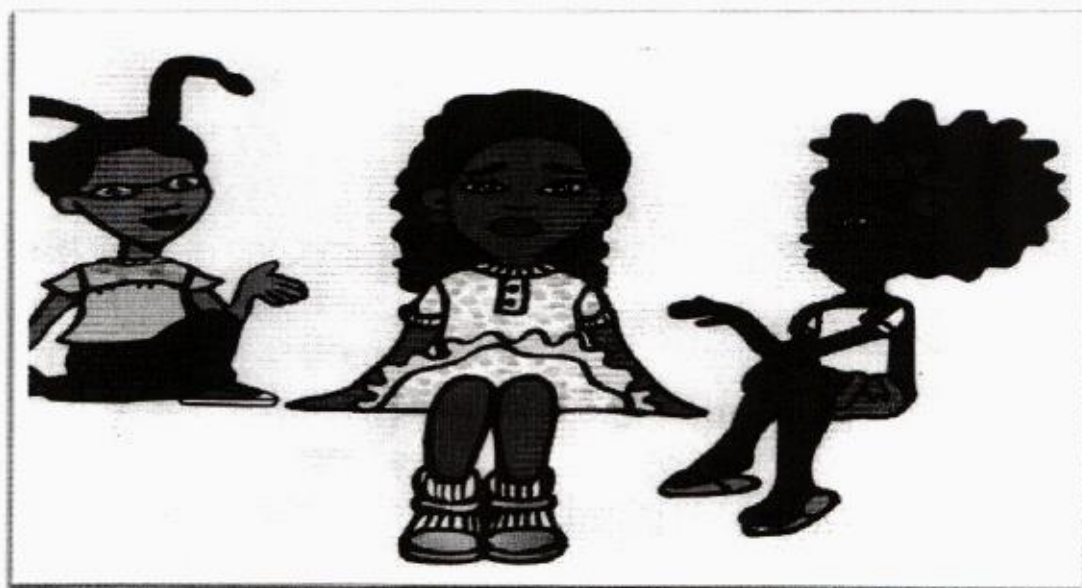


Figura 2: AS TRÊS MENINAS

As aventuras vividas por essas três meninas são de extrema importância para mostrar que não existe somente uma forma e estilo de ser e que o diferente é normal. É fundamental ensinar para as crianças que aceitar as diferenças é demonstrar amor próprio.

Através de movimentos negros e militância, no combate ao racismo é possível observar uma mudança que caminha com passos lentos, mas não pára. Uma outra percepção de beleza caminha dentro da sociedade atual. Às várias formas de defesa que ajudam a enfrentar o racismo estão crescendo, porém as tentativas de repressão e anulação da cultura negra são de tempos remotos desde o período colonial, permanecendo nos dias atuais antes sem nenhum pudor, a escravidão é um exemplo de como o racismo foi cruel. Hoje temos um racismo que a mídia nos passa mais aveludada, de maneira mais camuflada, mas ainda com os mesmos resquícios de coação contra o povo negro, o fato das violências físicas serem escondidas fazem com que algumas pessoas pensem que o racismo é passado, porém os atos preconceituosos permanecem.

No artigo de Nilma Lino Gomes, em sua pesquisa de doutorado "Corpo e cabelo como símbolo da identidade negra" observaremos a importância para a contribuição da identidade negra nos registros de salões que discutem temas ressaltando a beleza negra e colocando em evidência o cabelo crespo. Sua pesquisa é realizada nos salões étnicos raciais no Estado de Minas Gerais com o propósito de mostrar a dupla cabelo e corpo.

Os salões étnicos são, portanto, espaços privilegiados para pensar várias questões que envolvem a vida dos negros, dos mestiços e dos brancos. São espaços corpóreos, estéticos e identitários e, por isso, nos ajudam a refletir um pouco mais sobre a complexidade e os conflitos da identidade negra. Nos salões o cabelo crespo, visto socialmente como o estigma da vergonha, é transformado em símbolo de orgulho. (GOMES s/d. p. 8)

Esse trecho enfatiza o trabalho dos salões étnicos-raciais que buscam valorizar a beleza negra, tornando a identidade negra como construção social presente na formação da cultura brasileira, o negro passa a ter o espaço que evidencia sua beleza, algo que antes não seria possível pelo padrão europeu, mas as portas para a beleza negra se abrem, esses salões se tornam ambientes de manifestações tendo como foco a estética negra que anteriormente era mencionada negativamente, outro espaço aberto para discursos da beleza negra que está ganhando espaço são as páginas sociais

que abordam discussões de cunho estético negro em que o foco está na beleza negra do cabelo, na cor da pele e nas características físicas também discute assuntos dos povos negros do passado essas páginas ajudam as meninas a aceitar seu cabelo crespo ensinam como devem tratar o cabelo crespo, afastando o discurso que o cabelo crespo é ruim, feio. Adentrando cada vez mais no campo das diferenças raciais como algo normal.

Na apresentação da obra "Cabelo Ruim? A história de Três meninas aprendendo a se aceitar" os termos "Pixaim", "Bombril são expressões usadas para chamar a atenção do leitor assim o impacto de falar do cabelo crespo usando termos que na maioria das vezes são de cunho ofensivos, admitindo que falar de cabelo crespo e de sua beleza não é fácil principalmente se o público ouvinte for crianças.

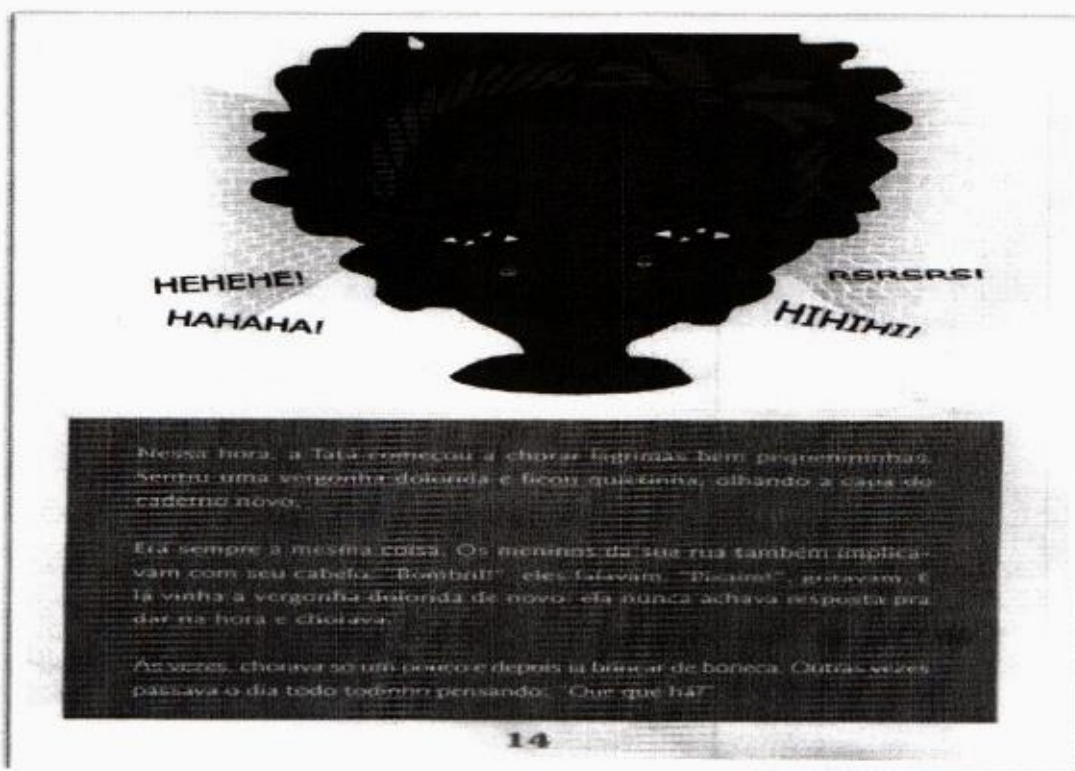


Figura 3: A LÁGRIMA

Tendo em mente que o discurso que circula na mídia está voltado para o consumo de produtos que evidenciam a beleza do cabelo liso, exaltando textura e a praticidade que se tem em ter um cabelo liso.

Essa coisa do cabelo que foi uma tortura pra todos nós, tanto o branco criticava o nosso cabelo, quanto nós sofriamos com este cabelo porque nós queríamos um cabelo mais próximo do padrão branco por força de tanto cantarem que é negativo, que

é feio que fede, cabelo ruim, cabelo ruim, cabelo duro, cabelo de carapinha, cabelo de carapicho, cabelo de bombril. Você ouve isto a sua vida inteira e quando começa a indústria dos produtos dos alisantes, rela, alisamento a negrada começa a alisar seus cabelos porque para ter acesso a um emprego é preciso que esteja, tenha boa aparência e a aparência da gente sempre foi muito mais o cabelo do que a cara. Se você tem um cabelo liso você é mais ou menos aceita, você se aproxima um pouco do padrão branco. Arani Santana, Pedagoga, 51 anos. Entrevista realizada em Salvador, Itapuã, 2003. Depoimento citado no artigo ESTÉTICA NEGRA: O JORNAL COMO FONTE DE PESQUISA (SANTANA,2003 p. 10)

Os padrões de beleza circulam em torno de uma boa aparência, essa boa aparência é construída dentro de um padrão branco, as discriminações surgem com o cabelo e a cor da pele, mais adiante com o passar dos anos observa que esse padrão está mais voltado para o cabelo sendo ele passivo de mudança, inicia a labuta das mulheres negras em seguir o padrão de beleza em que prevalece a mulher branca e de cabelo liso, forma para uma aceitação na sociedade, no mercado de trabalho e em relacionamento o alisar os cabelos e uma maneira de ter uma porcentagem de aceitação, o cabelo crespo é visto como duro, ruim, pixaim, fedido, arame e outros apelidos dados ao crespo.

A atenção dada as palavras "Pixaim" e "Bombril" mostra o início de uma história que muitas meninas se identificarão ao ler o livro, palavras que normalmente são usadas para se referirem ao cabelo delas, palavras essas que são ouvidas com dor e sofrimento, a relação cabelo crespo, menina é algo que não pode passar sem falar, as meninas que possuem cabelo crespo iram se identificar pois a luta contra o cabelo começa bem cedo, os penteados feitos pelas mães para o cabelo não ficar armado, as horas para desembaraçar o cabelo são momentos que todas crespa conhece, outro ponto é a entrada na escola o convívio com outras crianças de diferentes características as crianças com características muito diferente chamam atenção dos colegas, os negros, ruivos acabam recebendo apelidos maldosos.

Ferro
Primeiro o ferro marca
a violência nas costas
Depois o ferro alisa
a vergonha nos cabelos
Na verdade o que se precisa
é jogar o ferro fora e
quebrar todos os elos
dessa corrente de
Desesperos
(SILVA,1987,90)

Quem sofre com essa pressão de ter um cabelo estigmatizado como estranho são as mulheres, sempre há procura de se manter bonitas e serem admiradas, elas são as principais vítimas de preconceitos e piadas que envolvem o cabelo, a repetição de que o cabelo crespo é feio reproduzido historicamente se infiltra na vida das personagens de Cabelo Ruim e esse será o objetivo, mostrar como Bia, Tatá e Ritinha encaram essa realidade de ser negra de cabelo Pixaim. No poema de Luiz Silva (Cutí), podemos ver essa questão problematizada.

A marca do racismo se estende por anos, o sofrimento de um povo escravizado visto como inferior tem em suas expressões físicas a marca eterna do sofrimento, a cor da pele e o cabelo estarão para sempre mostrando suas cicatrizes, o ferro servia para identificar de que tribo pertencia e quem era o dono, carregavam a marca do ferro nas costas como um sinal de submissão, o ferro quente invadia o corpo negro a cada mudança de proprietário o negro era um objeto, o ferro representa uma identidade de repressão que a sociedade fazia questão de expor.

A dor do ferro foi a primeira marca algo que não tinha como evitar, mas adiante veio o ferro como forma de apagar os traços do cabelo crespo, a dor de ser renegado por gerações fazia com que o negro sentisse vergonha da identidade exposta nos cabelos, o ferro que antes marcaram os negros como submisso dos senhores, hoje a marca se insere nos cabelos, a tentativa de ser igual ou simplesmente tratado como humano faz com que o negro acredite que o problema está no cabelo crespo modificando assim seus cabelos para se sentir incluído na sociedade.

O narrador presente na obra é onisciente, narra a aventura das meninas tendo a liberdade para penetrar na história do personagem, ao apontar: "conhecendo as meninas", o narrador relata que as três garotas estudam na mesma escola, na mesma sala e são amigas inseparáveis e como essa amizade se iniciou, mas o interessante é o paralelo que encontramos entre a ilustração e a descrição das meninas inicia-se por Bia que tem a pele cor de canela, gordinha, vaidosa que usa vestido colorido e toda enfeitada de acessórios pulseiras e brincos coloridos, e sempre leva para a escola balas e goma, Bia é caprichosa toda arrumadinha e cheirosa, faz as tarefas com todo cuidado e dedicação. O cabelo crespo e a pele negra são características

semelhantes entre elas mais o que une essas garotas é o fato delas sofrerem o mesmo preconceito, uma conhece sentimento da outra quando uma delas é excluída pelo cabelo crespo, remete as outras a um *flashback*.

Bia é a típica menina "patricinha" expressão informal usada para designar uma menina que gosta de andar sempre vaidosa e bem feminina não dispensando as cores e os acessórios que a deixa feminina. Vejamos a descrição da próxima menina Tatá.

Tatá é magrela, tem a pele escura e é alta. Dá pra ver que Tatá é um apelido, né? O nome dela de verdade mesmo é Natália. Ela nem parece que só tem sete anos de idade que é. Dizem que parece uma modelo. Usa sandália de dedo, é quietinha e ri muito. Vai pro colégio de uniforme mesmo, diz que nem liga, que só se arruma para ir ao „shopping“. É a mais inteligente da turma, sabe ler texto grande assim, e acerta todas aquelas continhas de subtração, divisão, soma e multiplicação. Tem uma família enorme, um monte de tios, tias, primos, cunhados e sogras. Cada dia é um que vai buscar ela na escola (PINTO, 2012, p. 10).

A descrição da menina o estilo que a autora define Tatá podemos interpretar sendo uma menina calma que não se preocupa tanto com a aparência, simples no modo de vestir de poucas palavras mas que sorri de muito, garota inteligente com características de nerd, gíria utilizada para designar pessoas que se comunicam pouco e são sempre focadas em assuntos específicos(estudos). A última garota é descrita

A Ritinha não sei a cor dela. Tem gente que diz que ela é branca, outros falam que é negra, mulata. Só sei que a pele dela é muito bonita mesmo, sem manchas nem nada. E é de uma cor assim...meio a meio, sabe? É isso aí. Ela tem os dentes braaaancos assim e gosta de usar óculos o tempo todo. Diz que foi o doutor que mandou. Não é gorda nem magra e anda muito de tênis e calça azul. É a única da sala que já usa batom e diz que tem até tatuagem, mas nunca viu. Ela gosta de bater em todo mundo, principalmente nos meninos que riem dela. Só senta no fundo e é a única da sala que volta para sozinha. (PINTO, 2012, p.10).

Ritinha é um estilo de menina despojada, usa roupas descontraídas têm um jeito independente usa batom e diz que tem até tatuagem, não é como as outras meninas que os pais buscam na escola, na descrição da autora podem observar a independência adquirida por essa criança que busca resolver os problemas sozinha, mesmo que para isso precise usar a violência como forma de defesa, uma forma imediata de resolver os problemas, o ataque como uma demonstração de força. Essa foi a descrição que a autora nos apresentou, o

outro lado importante é a ilustração as imagens das meninas fisicamente e seus estilos de roupas.

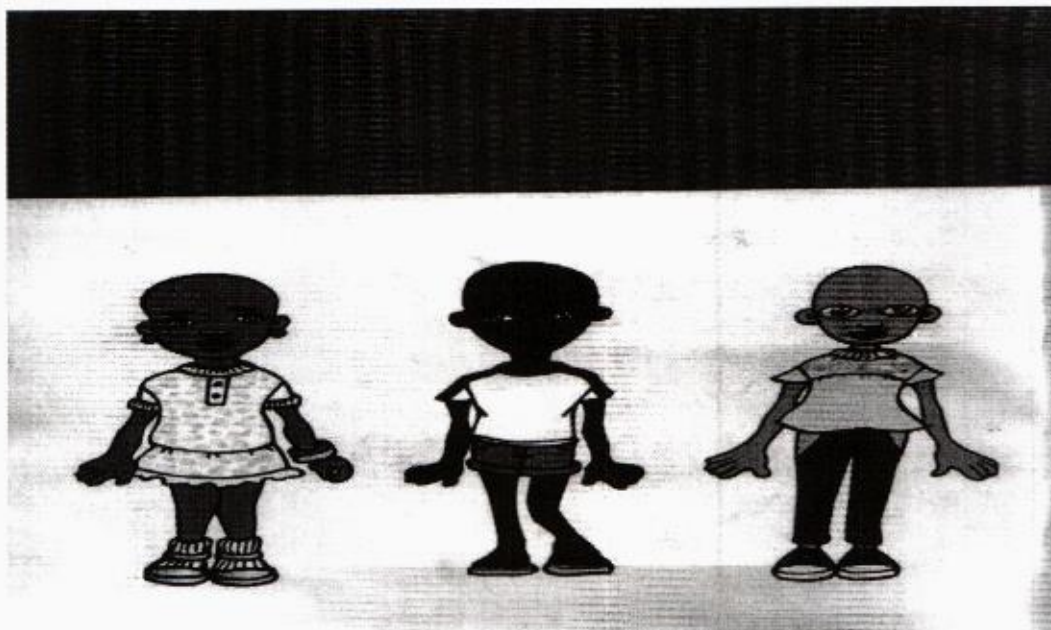


Figura 4: AS MENINAS CARECAS

Uma das características que define a figura do negro é a cor da pele é para muitos umas das marcas mais forte do povo negro, as ditas paletas de cores que possui os negros é algo que incomoda pois se a cor da pele for mais clara (morena) a pessoa não é considerada negra esses embates de que fator define o que é ser negro é algo forte. No caso da menina Ritinha. "A Ritinha não sei a cor dela. Tem gente que diz que ela é branca, outros falam que é negra, mulata. Só sei que a pele dela é muito bonita mesmo, sem manchas nem nada. E é de uma cor assim meio a meio, sabe?..." cabe discutirmos a teoria do embranquecimento para pensarmos a cor indefinida da menina Ritinha (PINTO, 2012, pág. 10). A miscigenação com a imigração de europeus trouxe para alguns estudiosos uma forma de pensar em um embranquecimento racial trazendo a diminuição dos preconceitos. Para Martius:

Qualquer que se encarregar de escrever a História do Brasil, país que tanto promete, jamais deverá perder de vista quais os elementos que aí concorrerão para o desenvolvimento do homem. São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de cor cobre ou americana, a branca ou caucasiana, e enfim a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla das relações mútuas e

mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular (MARTIUS, 1982:p. 87).

Estava emergindo uma nova História do Brasil não mais formada só de brancos e negros mais de mestiços, tinha a necessidade de incluir essa nova configuração de sociedade isso tudo em busca de uma raça superior, no século XX, o branqueamento tinha uma boa aceitação isso porque se entendia que esse embranquecimento seria a forma de obter uma sociedade que não teria a cor como distinção, essa era a teoria de Von Martius para a nova escrita da história do Brasil. Porém, o que chama a atenção é observar como a questão racial está incluída nessa história, a junção de povos europeus e negros seria uma forma de embranquecer o Brasil a miscigenação era a solução. Essa teoria admite uma raça superior e uma inferior a união das distintas etnias teria como evidencia o europeu, menosprezando o povo negro, nossa personagem Ritinha não tem uma cor definida suas outras colegas são classificadas como nega pela cor da pele, mas ela fica sem definição, podemos dizer que Ritinha é mestiça sua cor não é classificada com firmeza, a obra possibilita essa interpretação uma miscigenação para reforçar que temos um Brasil de misturas.

Outra característica forte que define o negro é o cabelo, a autora usa uma estratégia de descrever as meninas fisicamente sem o cabelo esse efeito faz com que o leitor fique imaginando que tipo de cabelo cada menina têm, usando a criatividade observando as características físicas e tentando montar o estilo de cabelo que se encaixa para cada menina. A diferença física e de estilo das meninas são apontadas pela autora, cada uma tem sua peculiaridade mas o ponto que une essas garotas é o cabelo.

Ritinha, Tatá e Bia são muito diferentes,né? Mas uma coisa elas têm igual: o cabelo. Eu deixei pra falar do cabelo das três por último porque o cabelo delas, gente, é muito igual, bem parecido mesmo: é assim bem bem bem enroladinho, cheio de molinhas tão pequenininhas que de longe a gente nem vê.

Mas cada cabelo é arrumado de um jeito (PINTO, 2012,pág,11)

O cabelo crespo é um forte ícone indenitário, é uma das características que define o homem e a mulher negra, as meninas tem a mesma textura de

cabelo, as diferenças estão na cor e no modo que cada menina arruma, a autora descreve minuciosamente como é cada cabelo.

Conhecendo as meninas

Bia, Tatá e Ritinha estudam na mesma escola, na mesma sala e são amiguinhas de unha e carne. É a história dessa amizade que eu vou contar. Mas, antes, eu quero mostrar elas pra você.

Bia tem a pele assim cor de canela, é gordinha e muuuuuito vaidosa. Chega sempre na hora na escola e vai toda empetecada: de vestido colorido, com pulseirinha de plástico colorido, com sapato colorido e brinco colorido. Anda sempre com um saquinho de batas de goma coloridas no bolso, que ela não divide com ninguém. Tem a bochecha tão redondinha que parece uma almofada e só anda cheirosa. Faz as tarefas todas bonitinhas, com desenhos e adesivinhos com cheirinho de chiclete.

9

Figura 5: ASCARACTERÍSTICAS DE BIA

Tatá é magrela, tem a pele escura e é alta. Dá pra ver que Tatá é um apelido, né? O nome dela verdadeiro mesmo é Natália. Ela nem parece que só tem sete anos de tão alta que é. Dizem que parece uma modelo. Usa sandália de dedo, é quietinha e ri muito. Vai pro colégio de uniforme mesmo, diz que nem liga, que só se arruma para ir ao 'shopping'. É a mais inteligente da turma, sabe ler texto grande assim, e acerta todas aquelas continhas de subtração, divisão, soma e multiplicação. Tem uma família enorme, um monte de tios, tias, primos, cunhados e sogras. Cada dia é um que vai buscar ela na escola.

A Ritinha não sei a cor dela. Tem gente que diz que ela é branca, outros falam que é negra, mulata. Só sei que a pele dela é muito bonita mesmo, sem mancha nem nada. E é de uma cor assim... meio a meio, sabe? É isso aí. Ela tem os dentes bem braaaancos assim e gosta de usar óculos o tempo todo. Diz que foi o doutor que mandou. Não é gorda nem magra e anda muito de tênis e calça azul. É a única da sala que já usa batom e diz que tem até tatuagem, mas ninguém nunca viu. Ela gosta de bater em todo mundo, principalmente nos meninos que nem dela. Só senta no fundo e é a única da sala que volta pra casa sozinha.

10

FIGURA 6: CARACTÉRISTICA DE TATÁ E RITINHA.

Uma das particularidades das garotas está modo como elas se vestem e de como cada uma arruma o cabelo, a crescente valorização da estética negra contribui para um novo aspecto de fenótipos naturais divergentes do padrão europeu. Essa valorização busca alcançar um referencial de beleza voltada para o povo negro desmistificando a negatividade imposta contra os afrodescendentes.

As lutas do movimento negro tomaram várias estratégias para enfrentar o racismo existentes, nos Estados Unidos o destaque para a estética negra foi um fator prioritário, na década de 60 as indústrias de cosméticos colaboraram com a disseminação de produtos para embranquecimento de pele e alisamento de cabelo "A Fuller Products Company fatura mais de 10 milhões de dólares com o lançamento de cremes para branquear a pele e alisar o cabelo. A propaganda promete com isso, o fim da discriminação" (FAUSTINO, 1998: 51). Essas empresas apresentavam esses tipos de propaganda enganosas para faturar com as falsas modificações dos fenótipos negros.

Cada menina possui um cabelo diferente, Bia tem o cabelo no ombro e sempre está com ele amarrado, bem preso esse estilo é bem utilizado para manter o cabelo preso, escondendo o volume, o volume do cabelo crespo é um dos fatores que incomoda, os produtos químicos usados em salões de beleza tem como tática de venda para envolver as clientes de cabelo crespo a redução do volume, pois o volume do cabelo é usada como forma de apelidos pejorativos e manifestações preconceituosas.

Ainda na década de 60 os penteados passaram a ser usados como forma de aceitação do negro, cabelo Black power abriu espaço cabelo natural, a força jovem foi a primeira a assumir o movimento black, slogan que apoiava o movimento Black Beautiful propagando a beleza negra, o estilo do cabelo de Tatá condiz com o black cabelo curto e natural no formato esférico, os adornos usados para enfeitar os cabelos são artifícios utilizados como destaque do cabelo crespo. Outro estilo de cabelo que corrobora a cultura negra foi o rastafari, o movimento rastafarianismo surgiu na década de 70 segundo Márcio J. de Mcedo reproduzido na figura do cantor Boby Marley ícone da música reggae.

O rastaman é um movimento Religioso surgido na Jamaica, os dreadlocks é o nome específico dado para o visual rastafári "filosofia de vida baseada na mistura de elementos da tradição judaico-cristã com a história da

África, especificamente a Etiópia". (VISUAL DA RAÇA, 1997: 36-37) 5 Eles consideram o imperador da Etiópia, Ras Tafari Makonen (este é o título de Haile Selassié I), a forma humana de Deus (Jah).

Ritinha usa trancinhas caídas abaixo do ombro parecido com o estilo rastafari, tanto as tranças de Ritinha quanto os dreadlocks, são penteados que manifestam a insatisfação de ter que se submeter a modificar para se encaixar nos padrões brancos.

As tranças dreadlocks foram tomadas pelo ativismo negro de várias partes do mundo como uma forma de afirmação da identidade negra e de posicionamento político, algo que já havia acontecido com o corte "afro" ou black power na década anterior. Além desse aspecto político, esses fatos demonstravam que era possível criar um estilo negro próprio, desde que começássemos a valorizar o nosso corpo de forma sincera e livre de estereótipos. (MACEDO, 2004, p. 1).

A importância do cabelo crespo e de seus penteados se afirma na cultura dos afro-descendente, os penteados utilizados pelos negros não são por mera coincidência cada um tem um significado, os penteados seguem preceitos das suas etnias, os cabelos crespos receber apelidos daqueles que não conhece os valores as diferenças raciais os dizerem sobre os ornamentos(panos, lenços) utilizados pelos negros para cobrir a cabeça para muitos era a afirmação que os negros tinham vergonha do cabelo "Peixoto afirmou que torços e panos eram utilizados para esconder a cabeleira dura" em contra partida dessa afirmação encontra a matéria da Visual da Raça

Para muitos povos a cabeça é tida como lugar da inteligência, do destino e da personalidade. Sendo assim, não é de se estranhar que o hábito de cobri-la ou ornamentá-la de alguma forma e para determinadas circunstâncias esteja presente em quase todas as sociedades. Adornar ou cobrir a cabeça pode significar muitas coisas, de acordo com os costumes de cada região. Entre os mulçumanos, por exemplo, já foi sinal de desrespeito ficar com a cabeça descoberta na presença de visitas, ao passo que as antigas cortes européias desrespeitoso era não cobri-la na presença de superiores. Em vários países da África, os turbantes são indumentárias comuns. Oriundos do universo masculino, eles fazem parte do vestuário árabe e africano há séculos, tendo como principal função proteger a cabeça do sol forte. (FERREIRA & NASCIMENTO, 1998: p. 22-25).

Assim como essas afirmações sobre o cabelo e os enfeites utilizados pelo povo negro, encontramos vários outros que desconsidera a cultura dos afro-descendentes, e outros que a valorizam. Os aspectos que atraem as discussões técnicas envolvem as características de valorização da estética

negra levando a procedência dos negros responsáveis pelos resgate da cultura, exaltando os fenótipos menosprezados pela sociedade.

Tradicionalmente, os penteados dessas africanas cumpriam função simbólica importante ao classificar as mulheres em diferentes idades, de acordo com ciclo biológico. Eram, portanto, uma forma de identificação. (...)

Muitos integrantes dessas sociedades, incluindo os wolof, mende, mandigo e iorubas, foram escravizados e trazidos para o Novo Mundo. Nessas culturas o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem. Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas. Em algumas culturas, sobrenome de uma pessoa podia ser descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, uma pessoa podia ser descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, uma vez que cada clã tinha o seu próprio e único estilo. O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias. GOMES, 2006. p.351

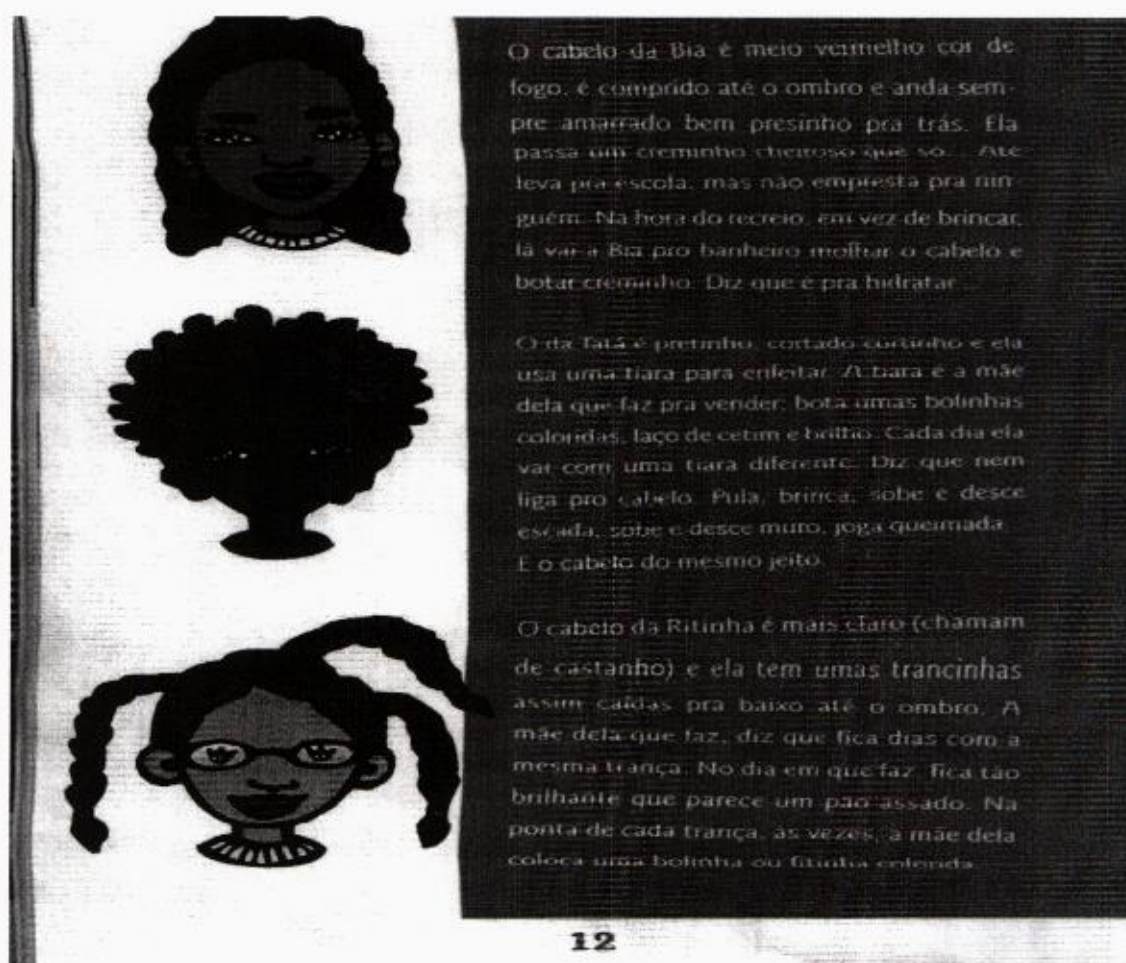


Figura 6: O CABELO DAS MENINAS

Gomes (2006) confirma a importância do cabelo para a cultura africana, marca identitária para reconhecimento, na Bahia umas das cidades que possui o maior número de pessoas que se consideram negras, em uma entrevista concedida no livro Raul Lody, nega Jhô Negra Jhô é trançadeira do Pelourinho, reconhecida nacional e e torços fala de como era difícil encontrar na Bahia internacionalmente pelo seu trabalho com trançados, penteados afro mulheres que assumissem penteados afros, essa resistência partia pelo fato do negro ser visto como ser inferior, as tranças eram utilizados por turistas que vinham para a Bahia e tinham curiosidade de fazer penteados nos cabelos, com o passar do tempo diminuiu na resistência dos negros contra os penteados através dos movimentos negros.

3.1 MUITO MAIS DO QUE CABELO, O VALOR DA AMIZADE

Contamos o estilo de cada menina, agora contaremos como elas se conheceram. O cabelo foi a causa da aproximação, elas se conheceram na escola no primeiro dia de aula. Entramos em uma questão fundamental: o papel da escola, como o ambiente escolar lida com o racismo e qual é a forma de combate, o espaço escolar é um dos primeiros ambientes que as crianças encontram diferentes relações sociais.



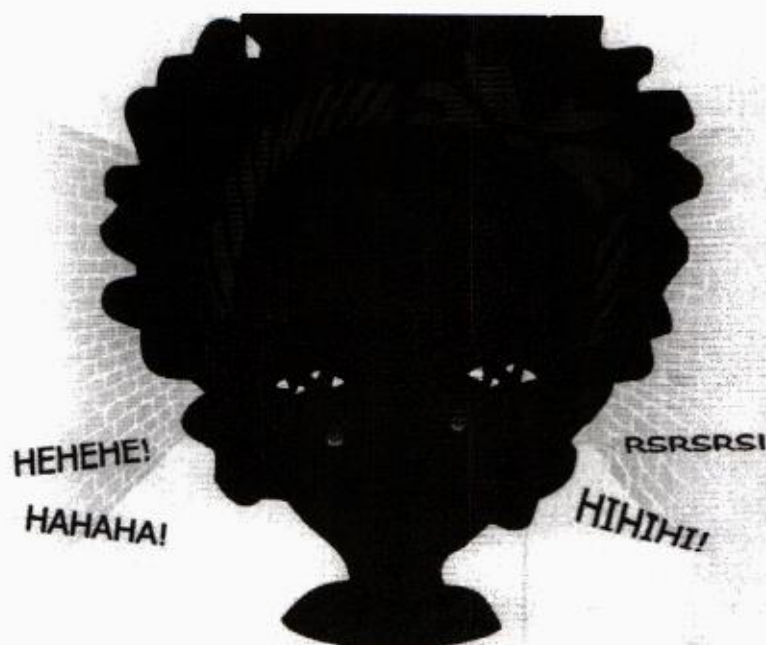
Figura 7: A AMIZADE

A práxis escolar se desenvolve não somente no ato de ensinar a criança e ler e a escrever, o ambiente pedagógico é propício para trabalhar as atitudes humanas como o comportamento do próximo implicam no contexto social. "A Escola é a representação de forma micro da sociedade em que se encontra inserida, nela se produz a sociedade mais ampla, ou seja, o que sua forma macro se prática (Candou apud Tereza Santos 2010) a construção de uma sociedade pautada em respeito ao próximo, são práticas que a escola articulam de forma pedagógica para diminuir a desigualdade social, levando em conta que as divergências sociais encontradas no ambiente escolar são várias; classe social, costumes, religião, etnias.

As práticas discriminatórias, envolvendo negros, são as que mais acontecem na escola, os apelidos pejorativos são marcas registradas dos agressores para inferiorizar o negro, expressões ofensivas são vivências que todo negro já sofreu na escola. "Mais uma de cabelo ruim na classe!", o que mais incomoda no ambiente escolar é observar o Brasil é um país que possui um grande número de negros e o que encontramos nas escolas são poucos em cada sala de aula de 30 alunos 5 são negros, cabe perguntar onde fica a negritude brasileira, essa pergunta não será respondida aqui ficará em aberto para uma próxima pesquisa.

A reação do professor da obra é uma atitude esperada por aqueles que atuam na educação, para implementar os professores que trabalharem com essa obra tem como responsabilidade mostrar para as crianças discurso preconceituoso do aluno da obra, destacando para ele que o cabelo da menina é uma característica da etnia do povo negro. É fundamental a escola ensinar para os alunos que o povo negro antes de serem escravizados viviam em suas terras livres, que nem sempre foram escravos.

A segregação dos afrodescendentes é de âmbito escolar, o contexto Histórico de escravidão e inferiorização segue os negros no trabalho, no relacionamento amoroso, na escola, associando sempre o negro como ruim.



Nessa hora, a Tatá começou a chorar lágrimas bem pequenininhas. Sentiu uma vergonha dolorida e ficou quietinha, olhando a capa do caderno novo.

Era sempre a mesma coisa: Os meninos da sua rua também implicavam com seu cabelo: "Bombri!", eles faziam, "Puxam!", gritavam. E lá vinha a vergonha dolorida de novo; ela nunca achava resposta pra dar na hora e chorava.

Às vezes, chorava só um pouco e depois ia brincar de boneca. Outras vezes passava o dia todo todinho pensando: "Que que há?"

Figura 8 O CABELO BOMBRIIL

Na imagem observamos as expressões que os meninos usam para se referir do cabelo de Táta, o ícone identitário preservado pelos africanos com orgulho marcando suas etnias, passa a ser para as garotas uma tormenta, a imagem mostrar as lágrimas da menina a dor de ser vista como feia ser ofendida por ter traços diferentes, as três meninas passam por essas

situações constantemente cada uma tem uma reação ao receber essas ofensa.

A aula acabou e todos saíram rápido, derrubando cadeiras. Na sala, só ficaram a Tatá e mais duas meninas: a Ritinha e a Bia. Elas também pensaram muito mesmo no que tinha acontecido, nem viram a aula acabar. "Se fosse comigo, quem falou tomava um murro no meio do olho!", pensou a Ritinha. Com ela é assim: bateu, levou. Quem se meteu a besta de falar mal do seu cabelo ou chamar ela de 'pretinha fedida', apanhou feio.

Mas, às vezes, a Ritinha ficava cansada pra caramba de bater, sabe? Aí, ela pensava: "Até quando vou ter que bater pras pessoas entenderem?".

A Bia também ficou numa "pensação" danada. Olha só, gente, ela não sabia que "cabelo ruim" era xingamento! É que sua mãe sempre falava, quando ia pentear seu cabelo: "Éta cabelo ruim, hein?". Falava rindo, falava brincando.

Mas pentear o cabelo da Bia dava um trabalho danado. Tinha dias que o cabelo estava muito embaraçado, e então a Bia até chorava segurando a cabeça! Quando ficasse mais velha, aí, sim, ia poder alisar o cabelo e acabar com essa chateação.



Figura 9: A REFLEXÃO

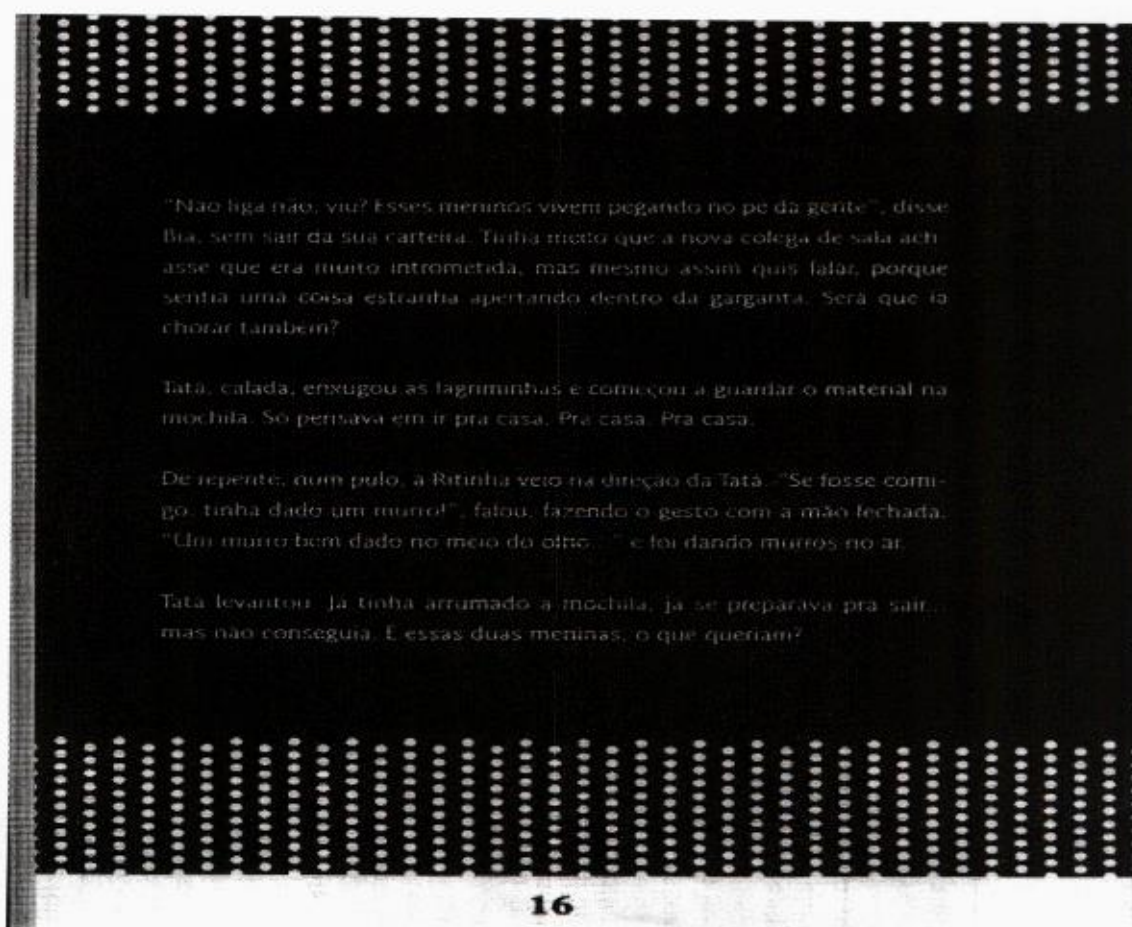


Figura 10: A REAÇÃO

Ritinha usa a força como forma de defesa parte para a briga e se impõem batendo nos meninos, essa força de defesa da Ritinha é utilizada com frequência e acaba sendo vista como rebeldia, passa de vítima a agressora na tentativa de se defender. Crianças negras são taxadas como violentas por não conseguirem se defender do racismo sofrido, elas encontram na violência física uma segurança, Ritinha se enquadra nesse quadro tendo a violência como aliada.

Na fala de Bia observamos como é natural a ideia do cabelo do negro ser ruim, Bia não sabia que cabelo ruim é xingamento, esse discurso se institui até mesmo dentro da família como algo natural tão repetido pela sociedade, tom de voz calmo da mãe de Bia.

O ponto de partida da amizade das meninas se inicia naquele momento a lágrima caída de Bia representa um sofrimento coletivo, a dor de já ter passado pela mesma situação une as garotas, a resposta de Tatá surpreende e intrigam as outras duas garotas, o problema não será resolvido com violência.

É interessante como a menina observa o racismo "O problema tá dentro da cabeça" esse trecho só reforça que o preconceito está enraizado na mente das pessoas, o discurso do negro percorre pelo mundo todo por anos, isso se fortalece pela premissa de superioridade de raça diante da sociedade, o racismo e as desigualdades sociais caminham juntos a dominação do povo negro partiu de questões financeiras as ambições dos Europeus fez com que a busca por mão de obra barata resultasse em escravidão, com mais de um século de libertação dos escravos no Brasil.

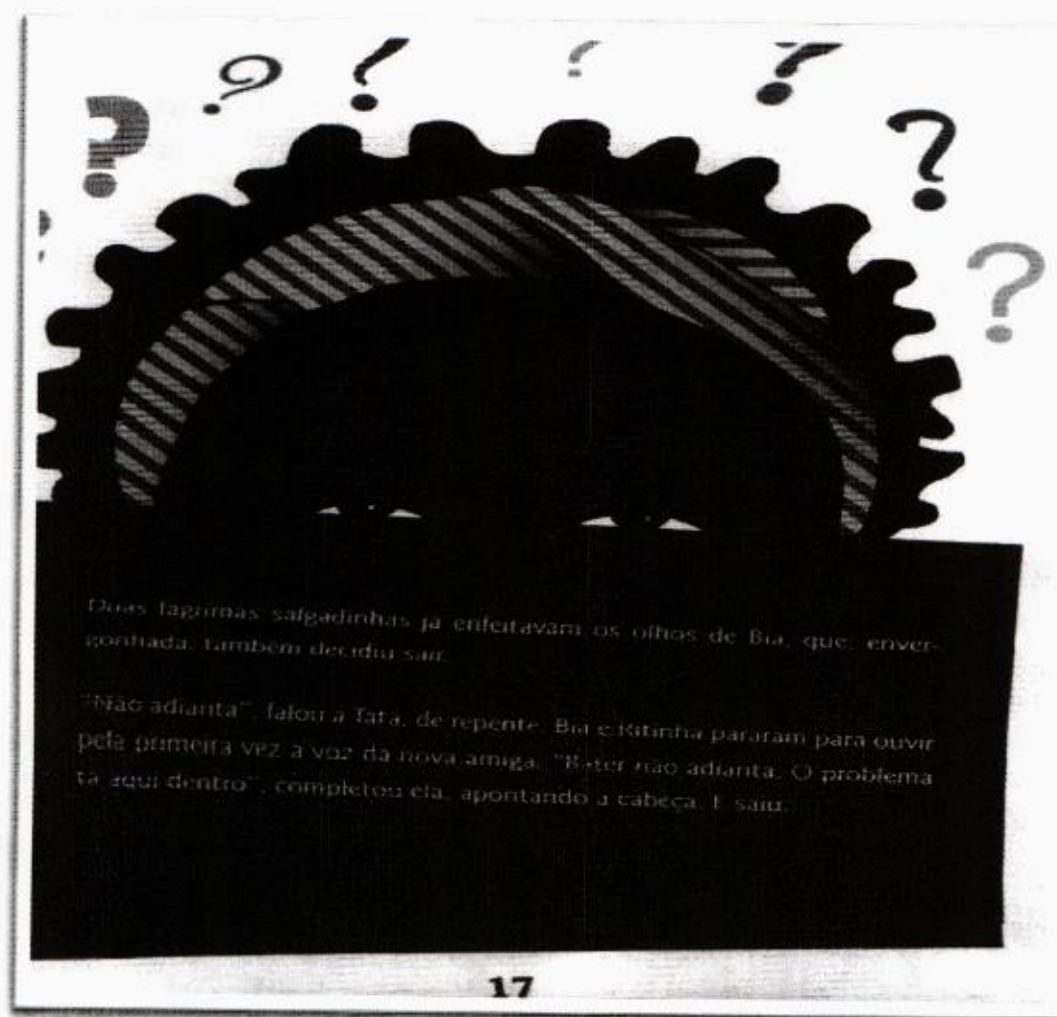


Figura 11: O PROBLEMA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação da figura negra na sociedade ainda é vista de maneira secundária trazendo um grande incômodo para aqueles que lutam contra a desigualdade racial, mesmo sabendo que estamos caminhando rumo a uma tentativa de extinção do racismo e todas as suas manifestações de preconceitos, a obra *Cabelo Ruim?* Faz um papel importante mostrando como as diferenças são notadas pelas crianças, e como circula o discurso do cabelo crespo na sociedade brasileira, a narrativa mostra as características dos negros e levanta as diferenças, na obra mesmo as três meninas sendo negras não são iguais, a textura de cada cabelo e a cor da pele são diferentes, elementos importante destacado pela autora, encaminhando para uma discussão no qual o texto enfatiza a negação das contribuições dos negros no Brasil.

Partindo do ponto de vista de que a formação nosso país surgiu das mãos dos negros, porém ao passar dos tempos essas contribuições são recuadas a ponto de se tornarem elementos secundários, a resistências dos movimentos negros são a válvula de escape para a fixação do sujeito negro na sociedade, portanto falamos do sujeito negro ativo dentro da sociedade que expõem suas ideologias e defende o seu espaço.

Ainda temos muito o que aprender, precisaríamos de uma construção da história do Brasil em que envolvesse os negros de maneira que não colocasse como raça inferior e sim como mais uma etnia existente na constituição do Brasil, sendo assim poderíamos cobrar daqueles que não conhecem sua cultura suas características, mostrando o valor e a contribuição da cultura negra para a formação da raça brasileira.

O combate as intolerâncias raciais enfrentadas nas instituições de ensino são constantes com isso o trabalho político pedagógico é de extrema importância a lei 10639/03 reforça o respeito as etnias, a formação do sujeito dentro da sociedade se institui inicialmente no espaço coletivo, o ambiente escolar é propício inicialmente para enfrentamentos de diferenças por isso o papel das disciplinas que compõem o currículo escolar e mostrar as divergências e o espaço que cada grupo exerce dentro da sociedade, elencando suas contribuições. Assim o trabalho realizado pelas instituições escolares é uma forma de expansão de conhecimentos das varias etnias que

temos em todo o mundo, o conhecimento é uma fonte poderosa por isso as disciplinas de linguagem são fontes ricas em aprendizado, em sala de aula uma obra literária tem o poder de reflexão e a partir de uma leitura prazerosa pôde-se compreender questões que parece tão complexa para explicar as crianças. Assim temos a educação como aliada para a transformação social e o grito de manifesto que não cala precisamos e queremos respeito.

“Respeitem meus cabelos ,Branços”

Respeitem meus cabelos, brancos
 Chegou a hora de falar
 Vamos ser francos
 Pois quando um preto fala
 O branco cala ou deixa a sala
 Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da áfrica
 Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges
 Rebolos, bundos, bantos
 Batuques, toques, mandingas
 Danças, tranças, cantos
 Respeitem meus cabelos, brancos

Se eu quero pixaim, deixa
 Se eu quero enrolar, deixa
 Se eu quero colorir, deixa
 Se eu quero assanhar, deixa
 Deixa, deixa a madeixa balançar

CHICO CÉSAR

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. História social da infância e da família. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BILAC, Olavo. **A casa**. 1980. Disponível em: <<http://poesiaselecionadas.spaceblog.com.br/231031/A-CASA-Poesia-infantil-de-Olavo-Bilac-por-Niceas-Romeo-Zanchett/>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 1a ed. São Paulo: Martins, 1981.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1988.22

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: história, teoria, análise. São Paulo: Moderna, 2000, p. 20

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p.17-31, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ich.pucminas.br/cesp/uc/scripta.htm>>. Acesso em: 25 set. 2015.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **SciELO**, Belo Horizonte, v. 2002, n. 21, p.40-51, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>>. Acesso em: 15 out. 2015.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. **Ação Educativa**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p.01-12, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-simbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

FAUSTINO, Oswald. A década que mudou tudo. Revista Raça. São Paulo, Editora Símbolo, no. 26, Ano 3, out. 1998, PP. 50 – 52. p. 51.

FERREIRA, Ivonne e NASCIMENTO, Carla. A Magia dos turbantes. Visual da Raça, São Paulo, Editora Símbolo, no. 12, Ano 2, 1998, pp. 22 - 25.

JESUS, Lori Hack de; CASTRO, Edmara da Costa. **Construção social da ideia de raça**. 2. ed. Cuiabá: Ufmt, 2010. 39 p.

LIMA, Carina Bertozzi de. Literatura Negra – uma outra história. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista do Estudos Literários**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2009, p.67-77, dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/index.php?option=com_content&task=view&id=11&Itemid=27>. Acesso em: 16 set. 2015.

MACEDO, Márcio José. "Quero uma nega de cabelo duro". São Paulo: Disponível em: www.afirma.inf.br, 23/09/2004. Acesso em: 21/11/2005. p. 1

MARTIUS, Carl F. P. "Como se deve escrever a história do Brasil" Trad. Wilhelm Schüch. RIHGB, Rio de Janeiro, Janeiro de 1882, 87.

MORAES, Vinicius de. **A casa**. 1970. Disponível em: <<https://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/49255/>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

MULLER, Maria Lucia Rodrigues. **Pensamento social brasileiro e a construção do racismo**. 2. Ed. Cuiabá: Ufmt, 2010.

PINTO, Neuza Baptista. **Cabelo Ruim?: A história de três meninas aprendendo a se aceitar**. 4. ed. Cuiabá: Tanta Tinta, 2012. 40 p.

ROLON, Renata Beatriz B.. **No fundo do Mato virgem nasceu uma literatura: história e análise de obras direcionadas para crianças e jovens do mato grosso**. 2014. 288 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SANTANA, Arani. Pedagoga, 51 anos. Entrevista realizada em Salvador, Itapuã, 2003. Depoimento citado.

SANTOS, Tereza. **Raça, currículo e praxis pedagógica**. 2. ed. Cuiabá: Ufmt, 2010. 23 p

SOUZA, Ângela T Fontana. **O OUTRO LADO DE UMA MESMA HISTÓRIA: A produção literária destinada ao público infanto-juvenil no estado do Mato Grosso**. 2009. 224 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos em Linguagem, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

Visual da Raça, São Paulo, Editora Símbolo, no. 8, Ano 1, 1997, pp. 36 – 38. p. 37

<http://www.vagalume.com.br/chico-cesar/respeitem-meus-cabelos-brancos.html>